

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação Geral

Zootecnista Dra. Valéria Fernanda Saracura

Geólogo MSc. Carlos Christian Della Giustina

Geo Lógica Consultoria Ambiental
Brasília, DF
2010

Sumário

1	<u>COMO NASCEU O JARDIM BOTÂNICO DE BRASÍLIA – O JARDIM DO CERRADO</u>	<u>1</u>
1.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS	1
1.1.1	OS JARDINS BOTÂNICOS E ZOOOLÓGICO NA PONTA DA ASA NORTE	2
1.1.2	O PARQUE ZOObOTÂNICO NA PONTA DA ASA SUL	6
1.1.3	O PARQUE ZOObOTÂNICO TORNA-SE JARDIM ZOOOLÓGICO	8
1.1.4	A COMISSÃO DE 1976	8
1.1.5	A NOVA COMISSÃO DE 1982	9
1.1.6	ÁREA DE USO PÚBLICO	18
1.1.7	CONJUNTO ARQUITETÔNICO	19
1.1.8	A INAUGURAÇÃO DO JBB	40
1.1.9	criação DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO JBB	48
1.1.10	A EQUIPE QUE TRABALHOU PARA IMPLANTAR O JBB	50
1.2	AGRADECIMENTOS	53
2	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>54</u>
	<u>ANEXOS</u>	<u>55</u>

Lista de Figuras

<i>Figura 1 Plano Piloto de Lúcio Costa, indicando a localização do Jardim Botânico e Jardim Zoológico de Brasília nas laterais do Eixo Monumental, junto com o centro esportivo, em detalhe ao lado “os pulmões da nova cidade”. Em outras palavras, Lúcio Costa projetou o Jardim Botânico ao lado do Eixo Monumental, onde hoje é o Parque da Cidade e o Jardim Zoológico, onde é hoje o conjunto esportivo.</i>	<i>2</i>
<i>Figura 2 - Carta de Henrique Lahmeyer de Mello Barreto ao Presidente da Companhia Urbanizador da Nova Capital Israel Pinheiro (Terracap, 1980).</i>	<i>3</i>
<i>Figura 3 - Localização do Jardim Botânico e Jardim Zoológico no Plano Piloto de Brasília, conforme proposta de Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, em 1957 (Terracap, 1980).</i>	<i>5</i>
<i>Figura 4 - Proposta de localização do Parque Zoobotânico no Plano Piloto de Brasília, conforme proposta de João Moojen de Oliveira, em 1959 (Terracap, 1980).</i>	<i>7</i>
<i>Figura 5 - Galpão de apoio administrativo da Estação Florestal Cabeça de Veado à época de inauguração do JBB (fotografia de Rui Faquini).</i>	<i>10</i>
<i>Figura 6 - Memória da visita à Estação Florestal Cabeça de Veado, em 31.10.83.</i>	<i>11</i>
<i>Figura 7 - Memória da visita à Estação Florestal Cabeça de Veado, em 01.11.83.</i>	<i>12</i>
<i>Figura 8 - Cilúlia Maria Maury e o bolsista Paulo Eugênio A. M. de Oliveira (fotografia de A. E. Ramos, 1982).</i>	<i>13</i>
<i>Figura 9 - Ato de nomeação de Pedro Carlos de Orleans e Bragança para a Chefia do Jardim Botânico de Brasília.</i>	<i>14</i>
<i>Figura 10 - Capa e contracapa do livro “Levantamento da Vegetação do Jardim Botânico de Brasília - DF”, publicação da FZDF, em 1990, dos trabalhos realizados em 1984 para subsidiar a implantação do JBB.</i>	<i>15</i>
<i>Figura 11 - Capa e contracapa do livro “Levantamento Semidetalhado dos Solos”, publicação da FZDF e JBB de 1990, contendo os trabalhos realizados para subsidiar a implantação do JBB.</i>	<i>15</i>
<i>Figura 12 - Fotografia aérea de 05.06.1982 da área da Estação Florestal Cabeça de Veado mostrando a trilha dos servidores da EFCV, os experimentos florestais, vias de circulação e demais infraestruturas existentes.</i>	<i>17</i>
<i>Figura 13 - Esboço do mapa da área de uso público e roteiro de visita, elaborado por Georges Lodygensky.</i>	<i>17</i>
<i>Figura 14 - Pedro Carlos de Orleans e Bragança, Germana Maria C. L. Reis e Manoel Viana dos Santos no viveiro da Estação Florestal Cabeça de Veado (Foto de 1984).</i>	<i>18</i>
<i>Figura 15 - Roteiro de Visita do Jardim Botânico mostrando a Área de Uso Público elaborado por Georges Lodygenski, a época da inauguração.</i>	<i>19</i>
<i>Figura 16 - Esboço do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília, por Georges Lodygenski.</i>	<i>20</i>
<i>Figura 17 - Estudo da circulação de veículos no Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília, por Georges Lodygenski.</i>	<i>20</i>
<i>Figura 18 - Início da construção do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília. (fotografia de Georges Lodygenski).</i>	<i>21</i>
<i>Figura 19 - Construção dos alicerces do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília, (fotografia de Georges Lodygenski).</i>	<i>22</i>
<i>Figura 20 - Construção das vias de circulação do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Georges Lodygenski).</i>	<i>22</i>
<i>Figura 21 - Construção do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília e urbanização da interface com a Estrada Parque Cabeça de Veado (Fotografia de Rui Faquini).</i>	<i>23</i>
<i>Figura 22 - Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília concluído para inauguração (Fotografia de Rui Faquini).</i>	<i>23</i>
<i>Figura 23 - Instalação da sinalização externa ao Jardim Botânico de Brasília.</i>	<i>24</i>
<i>Figura 24 - Local onde foi construído o Mirante, sendo vistoriado por José Ronald Moreira Lima e Georges Lodygenski (arquivo pessoal de Georges Lodygenski).</i>	<i>25</i>
<i>Figura 25 - Mirante do Jardim Botânico de Brasília na época da inauguração (Imagem publicada na Tribuna de Petrópolis, em 07.04.1985).</i>	<i>25</i>
<i>Figura 26 - Área de construção do futuro Centro Interpretativo do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Georges Lodygensky).</i>	<i>26</i>
<i>Figura 27 - Centro de Informação de Visitantes (antigo Centro Interpretativo) do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Rui Faquini).</i>	<i>27</i>
<i>Figura 28 - Indivíduo arbóreo da Trilha de entrada numerado para identificação botânica e posterior colocação de placas (Foto: Rui Faquini).</i>	<i>28</i>

<i>Figura 29 - Limpeza da Trilha de Entrada do Jardim Botânico de Brasília para a inauguração (Fotografia de Georges Lodygenski); Observa-se na segunda fotografia Francisco Paulo Rodrigues de Jesus, posteriormente integrado ao quadro de servidores do JBB.</i>	28
<i>Figura 30 - Serviço de limpeza e adequação da Trilha de Entrada para inauguração do Jardim Botânico de Brasília (ao fundo de costas, a bióloga Alba Evangelista Ramos), Fotografia de Rui Faquini.</i>	29
<i>Figura 31 - Trilha de Entrada do Jardim Botânico de Brasília, com as placas de identificação das espécies; presença do fotógrafo Rui Faquini (Arquivo de Rui Faquini).</i>	30
<i>Figura 32 - Esboço da Área de Uso Público do Jardim Botânico de Brasília com a proposta do Modelo Filogenético de Cronquist (1968).</i>	31
<i>Figura 33 - Modelo Filogenético de G. L. Stebbins (1974) em Heywood (1993).</i>	32
<i>Figura 34 - Primeiro projeto do Modelo Filogenético desenvolvido por Felisberto Cavalheiro para o Jardim Botânico de Brasília.</i>	33
<i>Figura 35 - Detalhamento da ordem Arales do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília, feito por Paulo Eugênio Alves Macedo de Oliveira, em 1985.</i>	35
<i>Figura 36 - Estudo para o detalhamento da ordem Poales do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília, feito por Paulo Eugênio Alves Macedo de Oliveira, em 1985.</i>	35
<i>Figura 37 - Área em preparo para implantação do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília.</i>	36
<i>Figura 38 - Visita de Felisberto Cavalheiro e Alba Evangelista Ramos ao canteiro de obras do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Georges Lodygenski).</i>	36
<i>Figura 39 - Esboço de Georges Lodygenski para a Alameda das Nações e dos Estados do Jardim Botânico de Brasília em corte transversal.</i>	37
<i>Figura 40 - Construção do Anfiteatro da Alameda das Nações e dos Estados do Jardim Botânico de Brasília (Projeto e fotografia de George Lodygenski).</i>	38
<i>Figura 41 - Construção do Anfiteatro da Alameda das Nações e dos Estados do Jardim Botânico de Brasília (Projeto e fotografia de George Lodygenski; toldo em montagem para solenidade de inauguração).</i>	38
<i>Figura 42 - Vista do Anfiteatro do Jardim Botânico de Brasília no dia de sua inauguração (Fotografia de Rui Faquini).</i>	39
<i>Figura 43 - Equipe do Serviço de Limpeza Urbana realizando a limpeza e adequação da Alameda das Nações e dos Estados para a inauguração do Jardim Botânico de Brasília (Fotografias de Georges Lodygenski).</i>	39
<i>Figura 44 - Dom Pedro Gastão de Orleans de Bragança</i>	40
<i>Figura 45 - Presença da botânica Gaziela Maciel Barroso (à direita) na solenidade de inauguração do Jardim Botânico de Brasília.</i>	41
<i>Figura 46 - Diretor do Jardim Botânico de Brasília recebendo convidados presentes na solenidade de inauguração, ao fundo, Prof. Dr. Braúlio Ferreira de Souza Dias (Fotografia de Rui Faquini).</i>	41
<i>Figura 47 - Pequizeiro em floração (Fotografia de Manoel Cláudio da Silva Júnior).</i>	42
<i>Figura 48 - Logomarca do Jardim Botânico de Brasília apresentando um ramo de pequizeiro florido, estilizado.</i>	42
<i>Figura 49 - Solenidade de lançamento do selo comemorativo à inauguração do Jardim Botânico de Brasília, no Palácio do Buriti em 08.03.1985 (Fotografia do Arquivo Público).</i>	43
<i>Figura 50 - Envelope e Selo comemorativo da inauguração do Jardim Botânico de Brasília com carimbo de primeiro dia de circulação (autógrafos de D. Pedro de Orleans e Bragança, Pedro Carlos de Orleans de Bragança, Alceu Sanches, Germana Maria Cavalcanti Lemos Reis e Alba Evangelista Ramos).</i>	43
<i>Figura 51 - Capa do livreto de apresentação do Jardim Botânico de Brasília distribuído no dia da sua inauguração.</i>	44
<i>Figura 52 - Autoridades presentes na solenidade de inauguração do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia do Arquivo Público do DF).</i>	45
<i>Figura 53 - Descerramento da placa de inauguração do Jardim Botânico de Brasília, pelo Governador do Distrito Federal, José Ornellas de Souza Filho e pelo príncipe Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança, em 08.03.1985 (Fotografia do Arquivo Público do DF).</i>	45
<i>Figura 54 - Placa de inauguração do Jardim Botânico de Brasília.</i>	46
<i>Figura 55 - Plantio de muda de palmeira imperial (Roystonea oleracea), proveniente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pelo Governador do Distrito Federal, José Ornellas de Souza Filho e Dom Pedro de Orleans e Bragança e pelo Diretor do Jardim Botânico de Brasília auxiliados pelo servidor Carlos Alberto Nascimento (fotografia do Arquivo Público do DF).</i>	46
<i>Figura 56 - Ato de exoneração, a pedido, de Pedro Carlos de Orleans e Bragança.</i>	47
<i>Figura 57 - Carta de Pedro Carlos Orleans e Bragança solicitando ampliação da área do Jardim Botânico de Brasília, conforme indicado na cópia da fotografia aérea.</i>	48

<i>Figura 58 - Croquis indicando o Jardim Botânico de Brasília e a Estação Ecológica do JBB, conforme Decreto nº 14.422 de 26.11.92.</i>	49
<i>Figura 59 - Engenheiro Agrônomo e paisagista Georges Lodygenski, em dois momentos, acompanhando o plantio das palmeiras jerivá (<i>Syagrus romanzoffiana</i>) na descida para o viveiro e na solenidade de inauguração do JBB.</i>	50
<i>Figura 60 - Visita de reconhecimento da área pela equipe do Jardim Botânico de Brasília e consultores. Da esquerda para a direita, Germana Maria C. L. Reis, Alba E. Ramos, Felisberto Cavaleiro, Olga Camisão de Souza, Raimundo Alencar Uchôa, Carlos Fernando de Moura Delphim e Pedro Carlos de Orleans e Bragança.</i>	50
<i>Figura 61 - Equipe de consultores e servidores da FZDF durante hora de repouso e alimentação. Da esquerda para a direita: Olga Camisão de Souza, Germana Maria C. L. Reis, Pedro Carlos de Orleans e Bragança, Alba Evangelista Ramos, Felisberto Cavaleiro e Carlos Fernando de Moura Delphim.</i>	51
<i>Figura 62 - Relação da equipe que participou dos trabalhos de implantação do Jardim Botânico de Brasília.</i>	52
<i>Figura 63 - Parte da equipe que implantou o Jardim Botânico de Brasília. Da direita para a esquerda: Sônia Romano, Alba E. Ramos, Josismar Pinheiro de Oliveira, Renato Dias Carvalho, José Ronald Moreira Lima, Pedro Carlos de Orleans e Bragança, Antonio Jorge Diogo, Felisberto Cavaleiro e sentado à frente, Rigno Santos Amaral.</i>	52

Lista de Tabela

<i>Tabela 1. Relação das espécies para forração das subclasses de plantas, conforme o Projeto paisagístico do Modelo Filogenético de Felisberto Cavaleiro.</i>	33
--	----

TOMO 1 – INTRODUÇÃO

Bióloga, Dra. Alba Evangelista Ramos

Engenheira Florestal, MSc. Germana Maria C. L. Reis

Bióloga, Esp. Cilúlia Maria R. de F. Maury

1 COMO NASCEU O JARDIM BOTÂNICO DE BRASÍLIA – O JARDIM DO CERRADO

Com um dos melhores jardins zoológicos do País, Brasília clamava por seu jardim botânico, uma das últimas obras previstas no Plano Piloto de Lúcio Costa, ainda não implantada. O assunto ilustrava páginas da imprensa local. Muitos estudos foram realizados para a escolha da área que abrigaria o Jardim Botânico de Brasília. A chegada de uma bióloga no quadro funcional da Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, Cilúlia Maria Rodrigues de Freitas Maury era o que faltava para dar partida nessa empreitada.

Com a assessoria do corpo técnico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro apoiando e a chegada de um grande coordenador, o ecólogo Pedro Carlos de Orleans e Bragança que, além da competência, trazia o glamour de ser herdeiro da coroa imperial brasileira, a combinação se completou. Seus ancestrais já tinham criado o Jardim de Aclimação, que mais tarde se transformou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, capital do País na época. Aqui, o príncipe-herdeiro participaria ativamente para implantar o Jardim Botânico do Cerrado, na capital do País. O primeiro Jardim Botânico do mundo com objetivos claros de conservação in situ de recursos genéticos. Uma bela história que será contada aqui.

1.1 Antecedentes históricos

O “Plano Piloto para a Nova Capital” de Lúcio Costa trouxe o registro da primeira proposta de localização do Jardim Botânico e do Jardim Zoológico de Brasília (Figura 1¹). Lúcio Costa assim define:

“De um lado o estádio e mais dependências, tendo aos fundos o Jardim Botânico; do outro o hipódromo com as respectivas tribunas e vila hípica e, contíguo, o Jardim Zoológico, constituindo estas duas imensas áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, como que os pulmões da nova cidade.”

¹ (<http://vsites.unb.br/fau/planodecurso/graduacao/12008/relatorio.pdf>)



Figura 1 Plano Piloto de Lúcio Costa, indicando a localização do Jardim Botânico e Jardim Zoológico de Brasília nas laterais do Eixo Monumental, junto com o centro esportivo, em detalhe ao lado “os pulmões da nova cidade”. Em outras palavras, Lúcio Costa projetou o Jardim Botânico ao lado do Eixo Monumental, onde hoje é o Parque da Cidade e o Jardim Zoológico, onde é hoje o conjunto esportivo.

1.1.1 Os Jardins Botânicos e Zoológico na ponta da Asa Norte

Em 11 de junho de 1957, Henrique Lahmeyer de Melo Barreto, ilustre botânico, após visita a Brasília, manifestou-se por carta (Figura 2) contra a proposta de Lúcio Costa ao então Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), Israel Pinheiro da Silva considerando:

“impróprio o local escolhido para o Jardim Botânico e Zoológico, uma vez que ficariam distantes de cursos d’água, indispensáveis para formação de habitats, para os serviços de irrigação, limpeza e utilização paisagística”

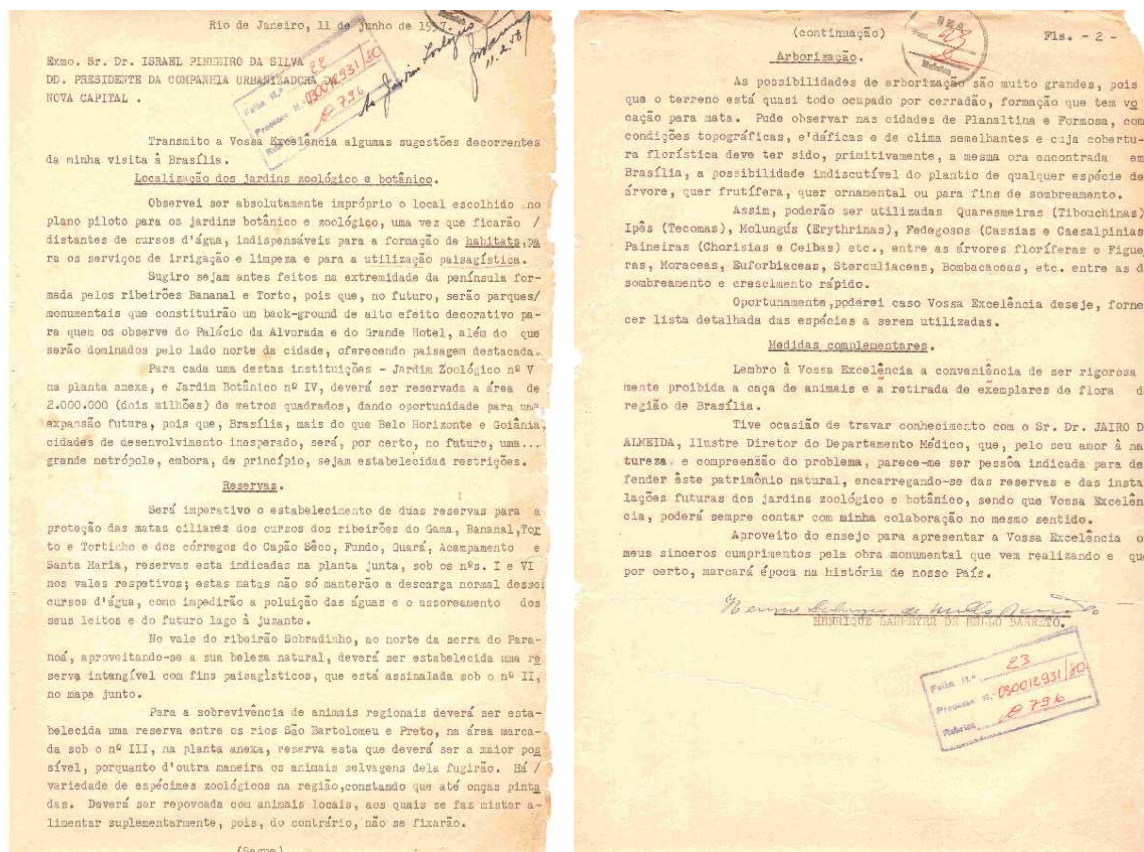


Figura 2 - Carta de Henrique Lahmeyer de Mello Barreto ao Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital Israel Pinheiro (Terracap, 1980).

Mello Barreto sugeriu que esses órgãos deveriam ser instalados, na extremidade da península formada pelos ribeirões Bananal e Torto

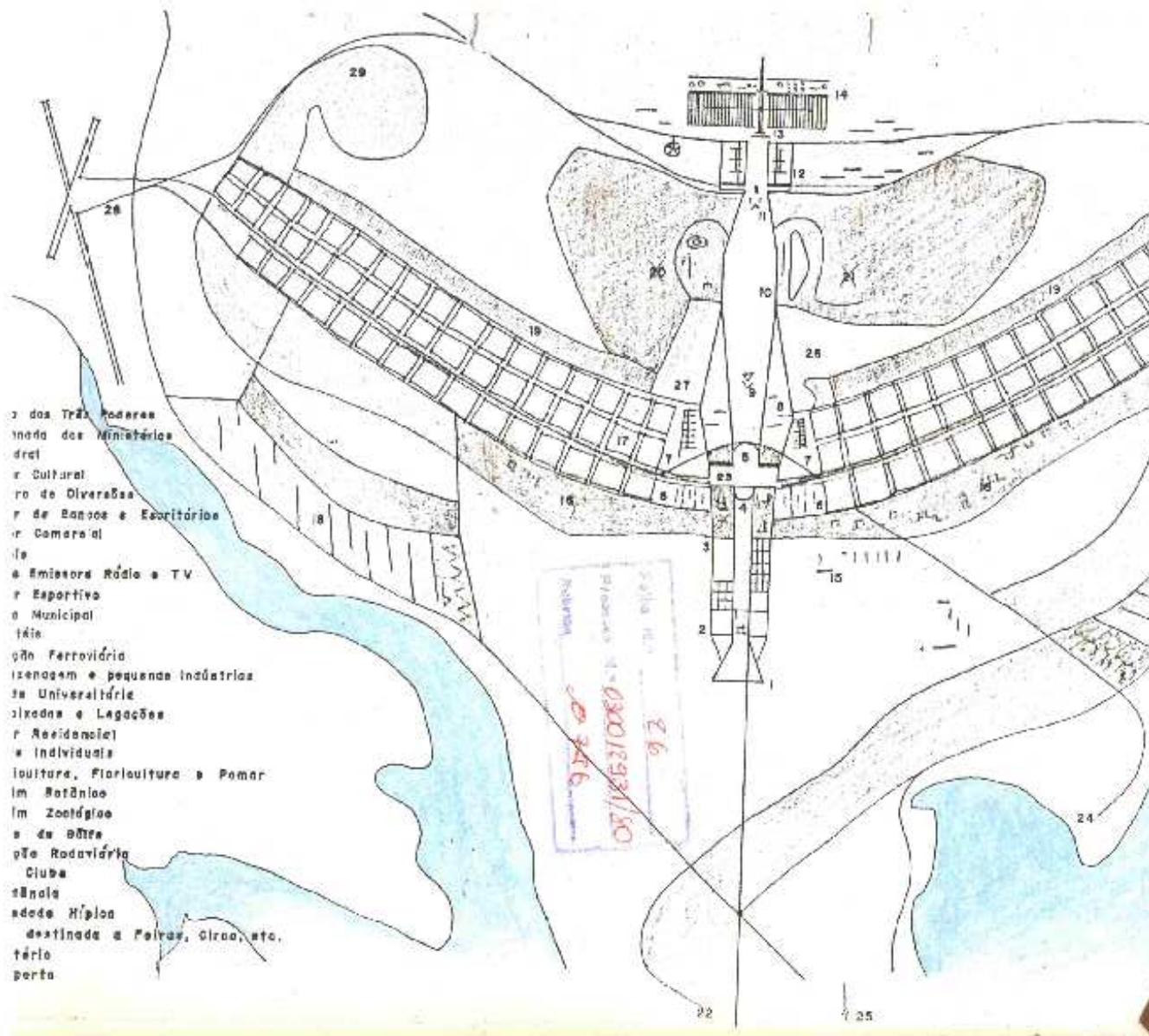


Figura 3) justificando que no futuro teriam alto efeito decorativo para os observadores do Palácio da Alvorada e do Grande Hotel (denominado posteriormente de Brasília Palace Hotel).

1.1.2 O Parque Zoobotânico na ponta da Asa Sul

Contudo, em 1959, João Moojen de Oliveira Lima, zoólogo do Museu Nacional, e então, membro da Divisão de Biologia e Conservação das Reservas Naturais da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), baseando-se no conceito de que a fauna é consequência do meio, propôs que os Jardins não deveriam ser separados. Ao contrário dos jardins similares da época, um Parque Zoobotânico propiciaria que, tanto o público cientista como leigo pudessem ter mais conhecimento objetivo da natureza. Assim, em 1960, o Presidente Juscelino Kubitschek assinou Decreto nº 48.926, de 08.09.1960 criando o Parque Zoobotânico. A área proposta pelo eminente zoólogo para o Parque foi o extremo da Asa Sul (Figura 4).

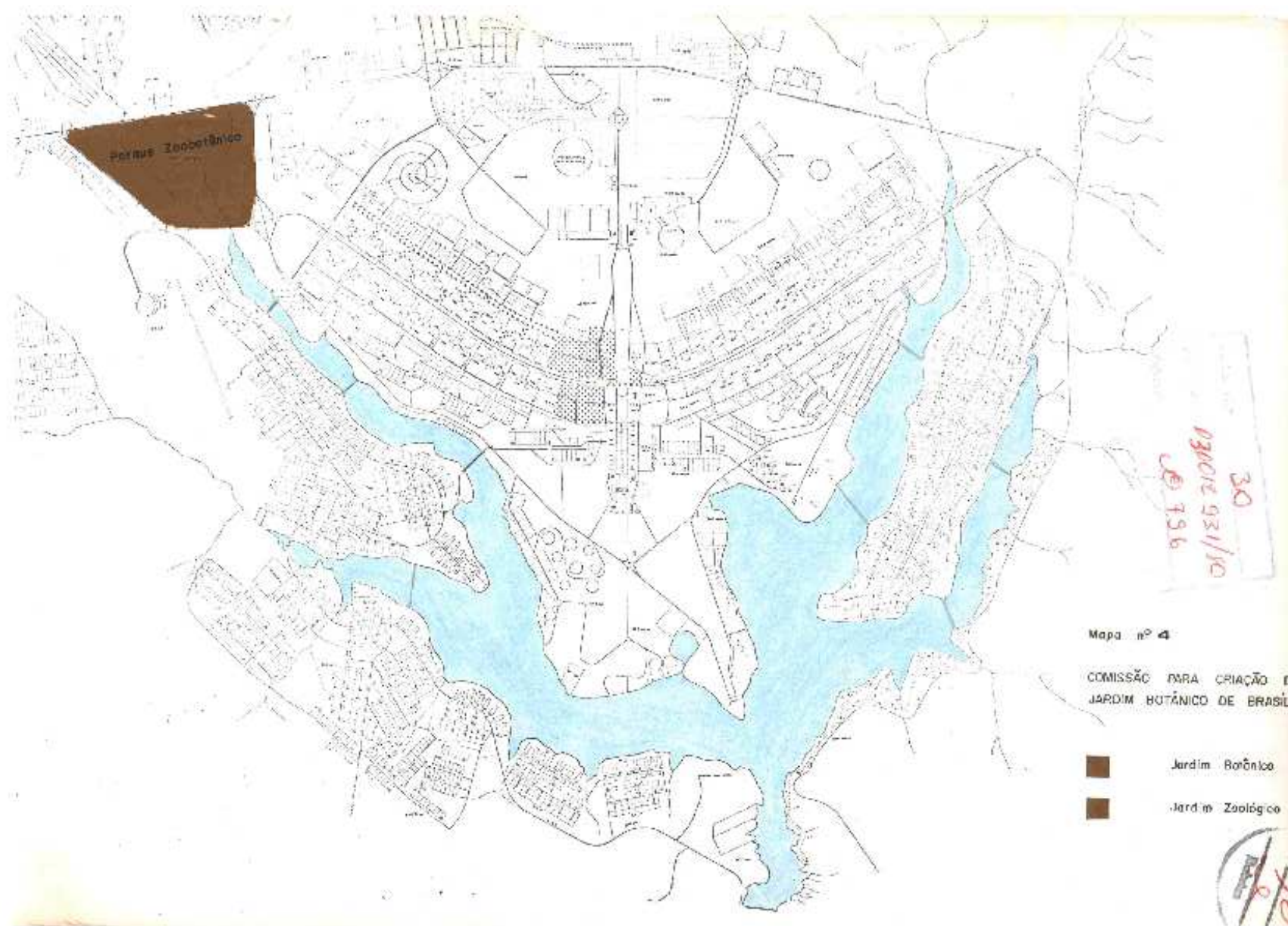


Figura 4 - Proposta de localização do Parque Zoobotânico no Plano Piloto de Brasília, conforme proposta de João Moojen de Oliveira, em 1959 (Teracap, 1980).

1.1.3 O Parque Zoobotânico torna-se Jardim Zoológico

Para dar suporte à implantação do Parque Zoobotânico, em 1961 foi criada a Fundação Zoobotânica do Distrito Federal (FZDF) que, por meio de seu diretor-geral, João Moojen de Oliveira Lima, assinou contrato com a firma Burle Marx Arquitetos Paisagistas para elaboração de um anteprojeto de arquitetura paisagística para o Parque. Este contrato previa, juntamente com o anteprojeto, a elaboração de estudo preliminar do conjunto, prevendo-se a localização do zoário, dos ambientes ecológicos e vias de circulação. Este anteprojeto contou, também, com contribuições de Moojen, Mello Barreto e Henrique Pimenta Velloso (Terracap, 1980) e, em relação às zonas ecológicas, não tinha a intenção de reproduzir exatamente a fauna e flora da região representada, mas criar pontos de interesse nos ambientes, interligados por áreas de estar e pequenos restaurantes para atender ao público.

Neste trabalho foram previstas áreas para implantação de lagos para integrar os vários ambientes e o aproveitamento das florestas de galeria como representante da “Mata Equatorial” por conter espécies comuns à Amazônia, segundo Henrique Pimenta Velloso. A área destinada ao zoário seria no platô triangular existente entre os dois córregos (Guará e Riacho Fundo) e o limite do terreno (Terracap, 1980). Neste anteprojeto também constam informações sobre áreas públicas, setor de isolamento e veterinária, pontos de acesso do público e circulação.

O projeto ficou estagnado de 1961 até 1967, quando a Terracap iniciou serviços de terraplanagem da “Estrada do Roteiro” conforme o anteprojeto da Burle Marx Arquitetos Paisagistas visando à implantação do Parque Zoobotânico. Na mesma época, foi contratado, o botânico do Museu Nacional e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Emydio de Mello Filho para elaborar o projeto da Região Australiana, com o detalhamento das espécies e a quantidade de mudas que seriam necessárias (Terracap, 1980).

Em 1969, foi elaborado o Plano Diretor do Parque Zoobotânico pela arquiteta Márcia Aguiar Nogueira Batista e pelo veterinário Clóvis Fleuri de Godói. Este Plano orientou a implantação daquele que se tornou o Jardim Zoológico de Brasília, importante ponto turístico da Capital, enquanto que, o Jardim Botânico de Brasília não progrediu.

1.1.4 A Comissão de 1976

Contudo, em 1976 por meio do Decreto nº. 3.441 de 19.11.1976, o governador do Distrito Federal, Elmo Serejo instituiu uma Comissão para estudar e propor a criação do JBB – Jardim Botânico de Brasília composta pelo chefe do Departamento de Parques e Jardins, Stênio de Araújo Bastos, que a presidiu, pelo diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Osvaldo Bastos Menezes, pelo diretor do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília, José Carmine Dianese, pela chefe da Seção de Paisagismo da Divisão de Estudos Urbanísticos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Secretaria de Viação e Obras do Distrito Federal, Elisabeth Machado de Carvalho e pelo chefe do Departamento de Recursos Naturais da FZDF, Fernando Carvalho Silva. O relatório da Comissão foi entregue em 18 de maio de 1977.

Neste relatório, os membros da comissão avaliaram diversos locais para sediar o JBB, tais como a região da Metropolitana nas cercanias do Núcleo Bandeirante, Granjas Oficiais, uma área às margens do Ribeirão do Torto, a área da Estação Florestal Cabeça de Veado e outras menos representativas. Concluíram que, ao contrário do Projeto de Lúcio Costa, o melhor local para abrigar o Jardim Botânico de Brasília seria a Estação Florestal Cabeça de Veado (EFCV), administrada pela FZDF, situada no Setor de Mansões Dom Bosco do Lago Sul, em terras pertencentes à Terracap e com

área de 526 ha (Terracap, 1980; Tavares, 1995). Segundo a Comissão, a área apresentava vegetação característica, com várias fitofisionomias do Cerrado, possuía infraestrutura capaz de funcionar como núcleo inicial, com luz, telefone, abundância de água, pela presença do Córrego Cabeça de Veado, topografia ideal e distância razoável do centro de Brasília. Como era uma estação de experimentação florestal a área abrigava experimentos florestais, principalmente, com *Pinus* e *Eucalyptus* acompanhados por pesquisadores do IBDF e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e também um viveiro de produção de mudas. A Comissão ainda enfatizou a importância de se preservar ao máximo a vegetação típica da área, bem como a necessidade de plantio de espécies representativas do bioma Cerrado existentes em outros estados brasileiros.

1.1.5 A nova comissão de 1982

A implantação do JBB retornou à pauta com uma longa exposição de motivos (EMI nº 05/80 de 28/04/1980) do então Secretário de Agricultura e Produção, Alceu Sanches ao Governador do DF, Aimée Alcebíades Silveira Lamaison. A exposição apresentava sucintamente o relatório da Comissão de 1976 e propunha a implantação do JBB, destacando ainda, que havia interesse de outras instituições de se associarem ao projeto, como o IBDF, a Universidade de Brasília e o CNPq.

Com a contratação da bióloga e especialista em botânica Cilúlia Maria Rodrigues de Freitas Maury para o quadro da FZDF, em 26/05/1981 pela Instrução de Serviço “P” nº 63/81, no cargo de Administradora do Parque Botânico do Departamento de Recursos Naturais, o diretor-executivo da FZDF na época, Manoel Gonçalves Torres Filho delegou-lhe a responsabilidade de buscar viabilizar a implantação do JBB. Esta, com meios próprios, dirigiu-se ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) para discussão técnica que subsidiasse os trabalhos de implantação do JBB, sendo acolhida e incentivada pelo seu diretor, Carlos Alberto Ribeiro de Xavier.

No seu retorno, ao expor seu relatório ao assessor da Secretaria de Agricultura e Produção (SAP), Joaquim Alfredo da Silva Tavares, este sugeriu a instalação de nova comissão visando respaldar as iniciativas da referida Botânica. Esta Comissão foi criada por meio da Instrução de Serviço “E”, nº 21 de 06.03.1982 e foi composta pelo Diretor-Executivo da FZDF, Manoel Gonçalves Torres Filho, pelo Assessor do Secretário da SAP, Joaquim Alfredo da Silva Tavares e por Cilúlia Maria Rodrigues de Freitas Maury e teve a finalidade de examinar os trabalhos já realizados e propor as medidas necessárias para a definitiva implantação do JBB. Esta nova Comissão ratificou o relatório da Comissão anterior e confirmou a área da EFCV como a sede do futuro JBB.

Todos os recursos existentes (humanos e materiais) na EFCV poderiam constituir o núcleo de apoio à implantação do JBB. A infraestrutura física, construída em 1960, tais como: viveiro de produção de mudas, galpões (Figura 5), alojamento para solteiros, residências para funcionários feitas com madeira ou alvenaria, deveria ser incorporada ao JBB, servindo de apoio aos diversos setores administrativos e técnicos do JBB. Cabe registrar, ainda, que os barracões de madeira, por seu estilo de construção datam da época da inauguração de Brasília e agregariam valor histórico para o JBB. O alojamento para solteiros poderia, mais tarde, ser transformado em escritórios para atender à demanda do JBB.

O Serviço de Pesquisa e Experimentação Florestal do Departamento de Recursos Naturais da FZDF exercia suas atividades na EFCV, produzindo mudas de espécies florestais exóticas e nativas para uso e para venda, além de realizar ensaios de

adaptação de espécies nativas do Cerrado. Atividades que poderiam ser incorporadas pelo JBB.



Figura 5 - Galpão de apoio administrativo da Estação Florestal Cabeça de Veado à época de inauguração do JBB (fotografia de Rui Faquini).

Visando apoiar o GDF na implantação do JBB, em fevereiro de 1983, Carlos Alberto Ribeiro de Xavier atendeu convite da FZDF e enviou dois arquitetos do JBRJ, Carlos Fernando de Moura Delphim e Alípio Vila Nova Nascimento para visita à EFCV, tendo estes, concordado com a localização.

Como encaminhamento da implantação do JBB, a Comissão propôs convênio entre IBDF e FZDF, que foi assinado no dia 13.07.1983. Este convênio também repassou recursos financeiros da FZDF para o IBDF visando à elaboração dos estudos básicos para dar suporte ao zoneamento da área da EFCV no intuito de torná-la JBB e elaborar o Plano Diretor.

Cilúlia promoveu duas reuniões de discussão sobre a implantação do JBB, das quais participaram a doutora em arquitetura paisagística autônoma Friede Scherer, Carlos Alberto Ribeiro De Xavier e Humberto Khoury do IBDF, Germana Reis, Raimundo Alencar Uchôa, a própria Cilúlia da FZDF, a então bolsista de aperfeiçoamento do CNPq, Alba Evangelista Ramos. Na segunda, já havia um convidado especial, o ecólogo Pedro Carlos de Orleans e Bragança, do Projeto de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Araguaia-Tocantins (PRODIAT). Estas reuniões ocorreram nos dias 31.10.1983 e 01.11.1983 (Figura 6 e Figura 7) e serviram para nivelar informações e definir as ações necessárias. Na segunda reunião, foi deliberada a necessidade de construção da cerca da EFCV.

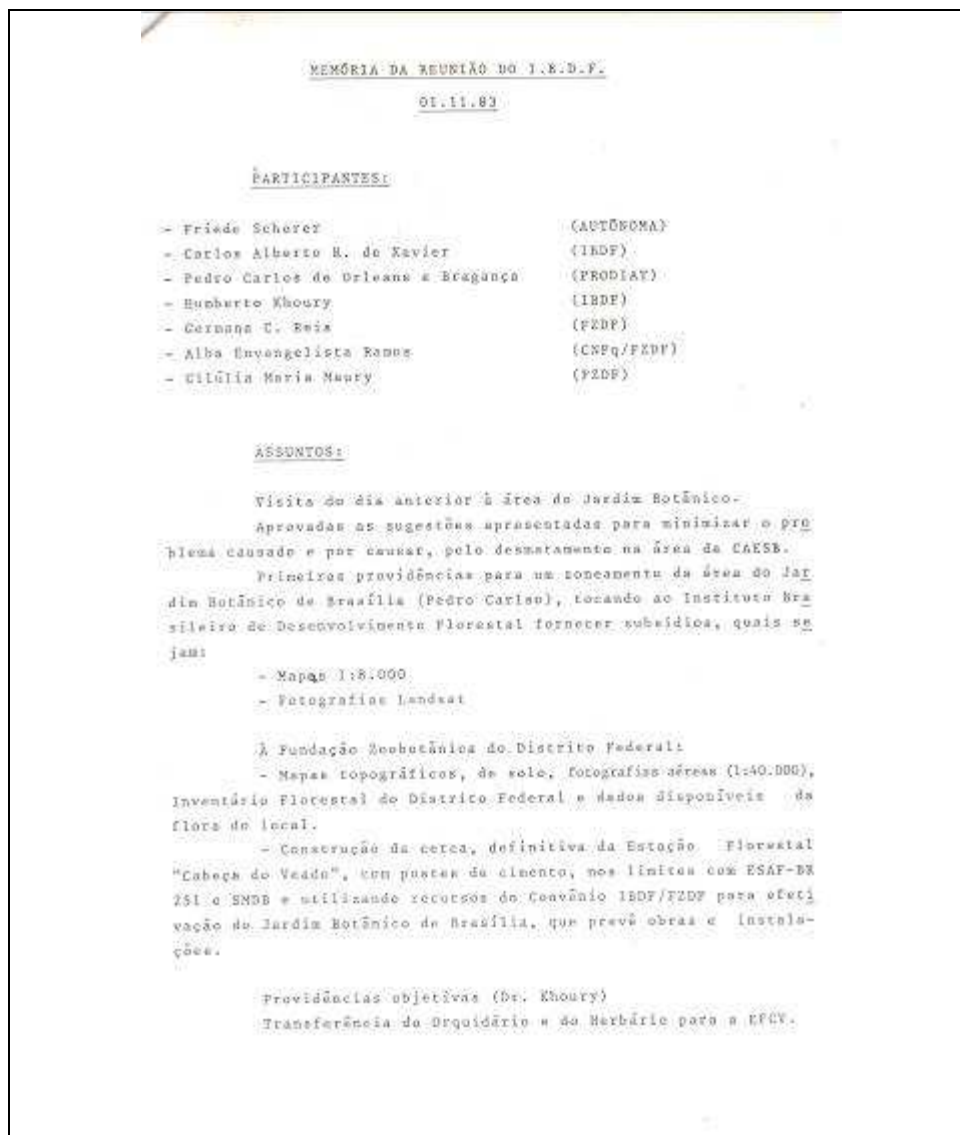


Figura 7 - Memória da visita à Estação Florestal Cabeça de Veado, em 01.11.83.

Paralelamente ao processo de implantação do JBB, Cilúlia buscou outros meios de fortalecer as ações que poderiam apoiar aquele intento. Uma delas foi a recuperação de uma coleção com 2.500 exsicatas formada, principalmente, pelos pesquisadores Ezechias Paulo Heringer e Mitzi Brandão Cardoso, que foram pesquisadores do extinto Departamento de Pesquisa e Experimentação da FZDF. Trata-se de um herbário histórico, ligado aos primeiros passos da ciência no DF e ao surgimento da própria FZDF, instituição pioneira que inspirou outras do gênero no País (Ramos & Munhoz, 1994). A coleção estava guardada indevidamente em armários de madeira, sem os cuidados de proteção contra pragas no escritório da Estação Florestal Cabeça de Veado, fato que ocasionou algumas perdas. Visando o resgate do acervo e sua ampliação, Cilúlia, submeteu projeto de pesquisa ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, visando o levantamento da vegetação e flora da Reserva Biológica de Águas Emendadas, hoje, Estação Ecológica de Águas Emendadas, bem como a recuperação do herbário da FZDF, originando o convênio celebrado entre o CNPq e a FZDF, para o qual foi designada executora (Instrução de Serviço “P” nº 117 de 30.07.1982. Com recursos do CNPq foram adquiridos armários de aço para herbário e bibliografia. Foram também resgatados junto à Embrapa, equipamentos básicos, como microscópios estereoscópicos, que permitiram realizar trabalho de recuperação daquele acervo e

sua ampliação pela incorporação do material coletado em Águas Emendadas. Este projeto contou com a participação de três bolsistas: uma bolsista de aperfeiçoamento (Alba Evangelista Ramos), e dois de iniciação científica (Paulo Eugênio Alves Macedo de Oliveira e Maria Iracema Gonzalez) (Figura 8). Estes bolsistas futuramente consolidaram suas vocações na área de Botânica e Ecologia Vegetal. Como consequência, a coleção foi transferida para a Reserva Biológica de Águas Emendadas para acondicionamento em armários de aço e registrada no Programa Flora do CNPq. Quando se iniciaram os trabalhos de implantação do JBB, esta coleção foi transferida para à EFCV, tornando-se a célula-mater do JBB. Este herbário, hoje denominando Herbário Ezechias Paulo Heringer, está inscrito no Index Herbariorum com a sigla HEPH e conta hoje com 26.753 exemplares.

Outro fato que merece registro foi a descoberta de um exemplar da maior obra botânica do País, a Flora Brasiliensis, de Carl F. F. von Martius, coleção com 14 volumes distribuídos em 40 livros, no patrimônio da FZDF, que se encontrava sem o cuidado que tão relevante acervo necessita (Ramos & Munhoz, 1994). Esta coleção foi incorporada ao acervo bibliográfico do JBB, permanecendo no seu Herbário. Depois de inaugurado o JBB, a coleção recebeu restauração realizada pelo Laboratório de Recuperação de Documentos do Ministério da Justiça.



Figura 8 - Cilúlia Maria Maury e o bolsista Paulo Eugênio A. M. de Oliveira (fotografia de A. E. Ramos, 1982).

Pedro Carlos foi nomeado chefe do Jardim Botânico de Brasília, por meio da Instrução de Serviço nº “P” de 09.02.1984 (Figura 9) e assumiu a coordenação dos trabalhos de implantação do JBB, liderando o grupo composto pela engenheira florestal Germana Maria Cavalcanti Lemos Reis, chefe do Serviço de Pesquisa e Experimentação Florestal da FZDF, responsável pela EFCV, Maria Aparecida Alves, técnico agrícola, lotada na EFCV, e mais tarde por Raimundo Alencar Uchôa, que retornara para a administração da EFCV, depois de permanecer durante alguns anos na NOVACAP e Alba Evangelista Ramos. Infelizmente, Cilúlia deixou a equipe, em 01.06. 1984 (Instrução de Serviço “P” nº 61).

Devido à sua grande capacidade de coordenação, Pedro Carlos elaborava semanalmente, um quadro de tarefas distribuídas a cada um dos membros da equipe

que ele denominou de GRAU, onde cada letra correspondia à inicial dos servidores: Germana, Ronald, Alba e Uchôa.

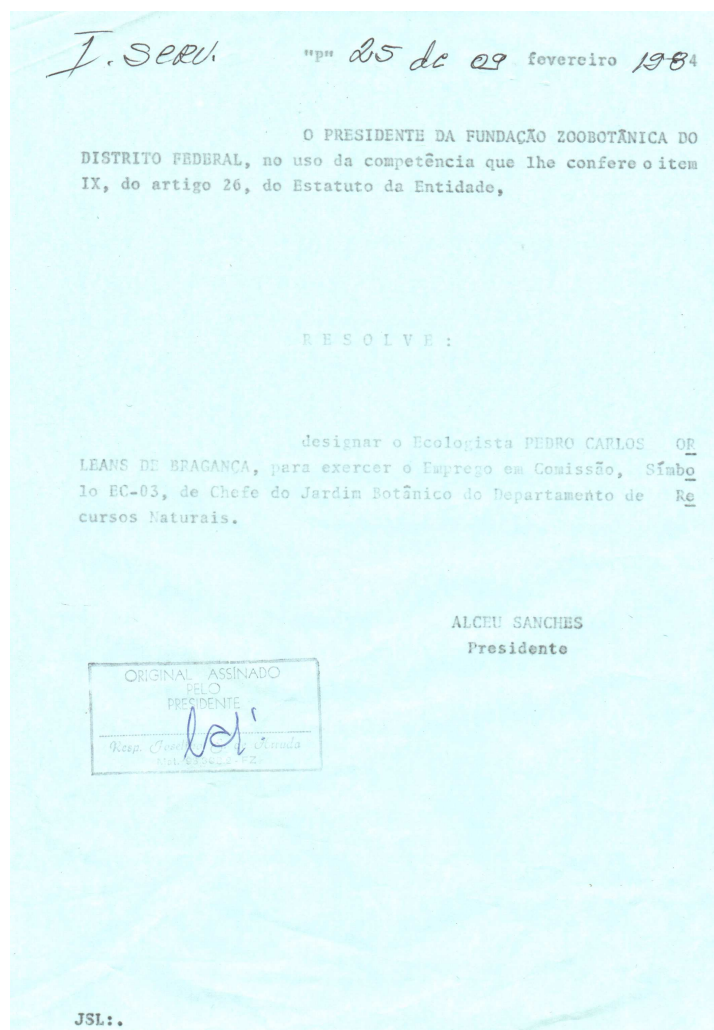


Figura 9 - Ato de nomeação de Pedro Carlos de Orleans e Bragança para a Chefia do Jardim Botânico de Brasília.

O convênio firmado entre o IBDF e a FZDF objetivando a criação do Jardim Botânico de Brasília (JBB) propôs programa de trabalho para realização de estudos e elaboração do plano diretor do JBB, contendo os estudos básicos de vegetação, solos, clima e hidrologia, zoneamento ecológico, cartografia e estrutura fundiária, além de contemplar a programação físico espacial (estudo paisagístico e plano de manejo), a programação de uso público e a 1ª etapa da implantação do JBB (IBDF/FZDF, 1984).

Visando agilizar a execução do convênio, o IBDF transferiu os recursos para o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), do Rio de Janeiro que não produziu os resultados esperados. Em 05.08.1984, o IBDF contratou a HECTA para viabilizar a execução dos serviços de consultoria para elaboração do Plano Diretor.

Os primeiros serviços contratados foram: o levantamento da vegetação e da flora da EFCV (Figura 10), levantamento semidetalhado de solos (Figura 11) concluídos em 1984 e a documentação fotográfica. O primeiro coube ao geógrafo Luís Guimarães de Azevedo que compôs equipe com os biólogos José Felipe Ribeiro, pesquisador da Embrapa Cerrados, Paulo Eugênio Alves Macêdo de Oliveira e Ivan Schiavini (hoje, professores da Universidade Federal de Uberlândia). O levantamento pedológico foi

feito pelos geólogos do Projeto RadamBrasil, Ary Dêlcio Cavedon e Sérgio Sommer. O resultado desses levantamentos foi posteriormente transformado em livros publicados pela FZDF em 1990 (Figura 10 e 11). A documentação fotográfica foi realizada pelo fotógrafo Rui Faquini. Paralelamente, a FZDF tomava as providências para o cercamento da área da EFCV o qual foi concluído até a inauguração do JBB.

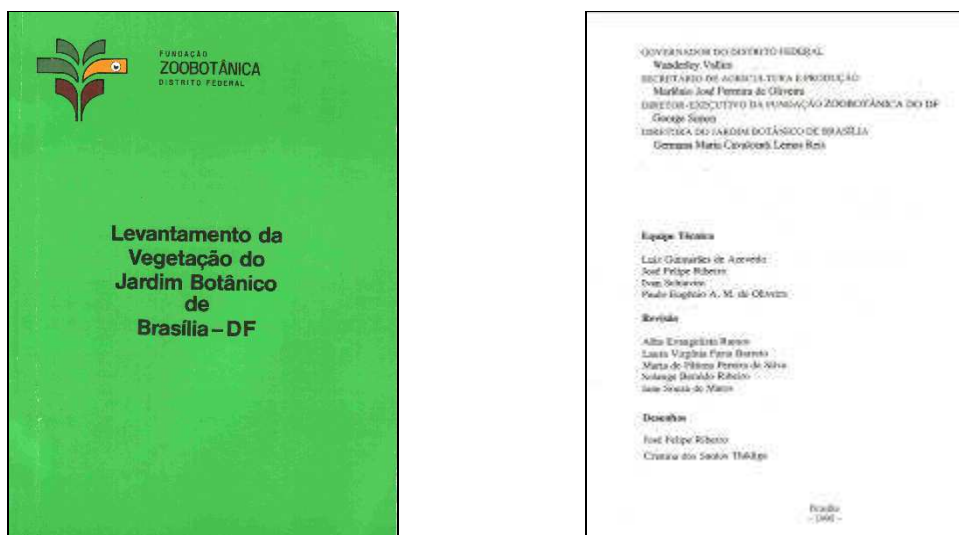


Figura 10 - Capa e contracapa do livro “Levantamento da Vegetação do Jardim Botânico de Brasília - DF”, publicação da FZDF, em 1990, dos trabalhos realizados em 1984 para subsidiar a implantação do JBB.

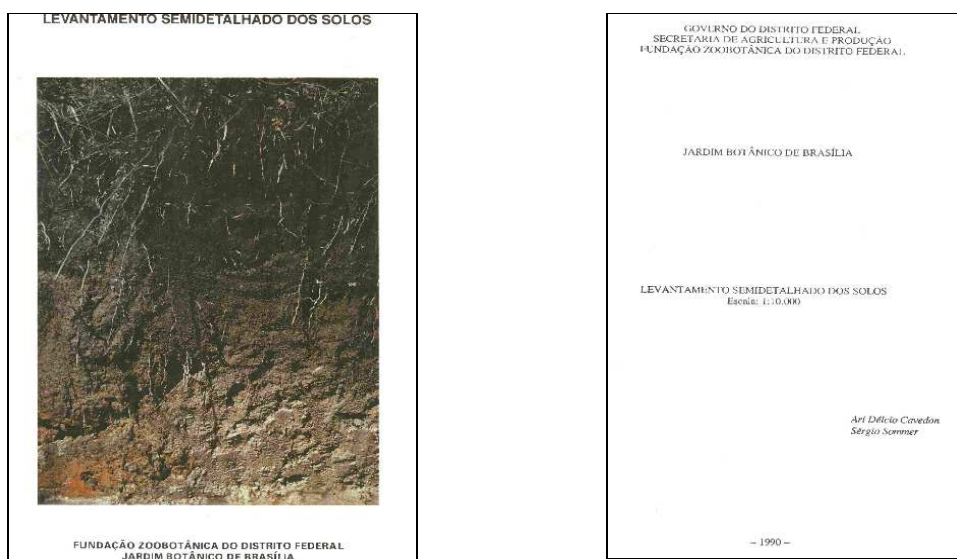


Figura 11 - Capa e contracapa do livro “Levantamento Semidetalhado dos Solos”, publicação da FZDF e JBB de 1990, contendo os trabalhos realizados para subsidiar a implantação do JBB.

O produto final apresentado pelo JBRJ foi o relatório “Potencial de Uso Público e Estudos Arquitetônicos do Jardim Botânico de Brasília” (GOVERNO FEDERAL, 1985). Nele está contido o projeto arquitetônico, o programa de uso público e o projeto paisagístico elaborado com valiosa participação dos técnicos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a saber: Carlos Fernando de Moura Delphim, Alípio Vila Nova Nascimento, Olga Camisão de Souza, Carlos Alberto Ribeiro De Xavier. Olga Camisão de Souza deixou a equipe dos trabalhos posteriormente.

Participaram também da elaboração do citado relatório, George Lodygensky, conhecido por Yuri, que era engenheiro agrônomo e paisagista da Prefeitura de Petrópolis – RJ, convidado de Pedro Carlos e também, o engenheiro agrônomo, doutor em arquitetura paisagista da Universidade de São Carlos, Felisberto Cavalheiro para integrarem a equipe do JBRJ. George Lodygenski participou da definição da área de uso público, com a concepção da Alameda das Nações e dos Estados, do anfiteatro, e o paisagismo do Portão Principal, enquanto Felisberto Cavalheiro concebeu o jardim “Modelo Filogenético”.

Um ponto comum desde o relatório da comissão de 1976 era o de que o JBB deveria ser o Jardim Botânico do Cerrado. Pelo fato de estar localizada na área core do bioma Cerrado, Brasília deveria ser um ponto de destaque deste Bioma, procurando estudá-lo, divulgá-lo e protegê-lo, educando o público para sua valorização e proteção.

Essas premissas para a orientação do projeto do JBB foram de vanguarda. A história dos jardins botânicos no mundo mostra que até então, os jardins botânicos eram instituições que procuravam, principalmente, aclimatar as plantas de outros lugares, promovendo a conservação *ex situ* de recursos genéticos vegetais. Como é o caso do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que iniciou suas atividades aclimatando espécies do Velho Mundo, necessárias para alimentação, tratamento de doenças, conservação de alimentos, fornecimento de fibras para tecelagem, entre outras, em uma terra nova, ainda de recursos naturais desconhecidos na época. E assim, o JBB foi o primeiro jardim botânico no mundo a manter coleções de plantas *in situ*, ou seja, no seu ambiente, permitindo a manutenção de sistemas e processos naturais, como a melhor forma de conservação de recursos genéticos. Apenas em 1989, a *Botanical Garden Conservation International* (criada em 1987) lançou o livreto “Estratégia de Conservação para os Jardins Botânicos” cuja tradução foi lançada no Brasil em 1990. Neste trabalho, esse órgão mundial de jardins botânicos define uma carta de propósitos para os jardins botânicos, enfatizando que estes devem buscar espaços para a conservação *in situ*.

A concepção arquitetônica e paisagística do JBB buscou compatibilizar a preservação dos recursos naturais e dos aspectos cênicos às necessidades concretas de instalação de espaços de trabalho e de lazer para funcionários e público visitante. O planejamento, norteado pelos princípios da arquitetura ecológica, favoreceria o uso racional do ambiente com mínimo de impacto, aproveitamento maximizado dos elementos naturais e condições ambientais de forma que as edificações propostas não fragmentassem a lógica e o ordenamento natural dos aspectos paisagísticos. Desta forma, a análise de fotografia aérea de 5 de agosto de 1982 (Figura 12) assim como, dos relatórios de vegetação e flora e de solos subsidiou o planejamento da área de uso público (Figura 13). Buscou-se também, o máximo aproveitamento da estrutura já existente na EFCV, tais como, viveiro de produção de mudas (Figura 14), escritórios, herbário, área de experimentos florestais, acessos existentes, de forma a concretizar sua implantação efetiva em curto prazo e à baixo custo, com um máximo de qualidade técnica (GOVERNO FEDERAL, 1985).

Também foi projetada a construção de um Mirante no ponto culminante do JBB de onde é possível avistar a área do JBB, a cidade de Brasília e a área que se tornou a Estação Ecológica do JBB.



Figura 12 - Fotografia aérea de 05.06.1982 da área da Estação Florestal Cabeça de Veado mostrando a trilha dos servidores da EFCV, os experimentos florestais, vias de circulação e demais infraestruturas existentes.



Figura 13 - Esboço do mapa da área de uso público e roteiro de visitação, elaborado por Georges Lodygensky.



Figura 14 - Pedro Carlos de Orleans e Bragança, Germana Maria C. L. Reis e Manoel Viana dos Santos no viveiro da Estação Florestal Cabeça de Veado (Foto de 1984).

Com essas premissas, o projeto inicial da área de uso público do JBB definiu os seguintes pontos: Portão Principal, Trilha Interpretativa (Acesso Principal), Estacionamento I, Estacionamento II, Centro Interpretativo, Modelo Filogenético, Mirante, Alameda das Nações e dos Estados.

Para cada área considerada foram descritas ações pertinentes a três subprogramas: o de interpretação ambiental, o de educação ambiental e o de relações públicas (GOVERNO FEDERAL, 1985).

1.1.6 Área de Uso Público

O projeto da Área de Uso Público (Figura 15), após discutido pelo grupo, foi consolidado por Georges Lodygenski. Foram aproveitados dois blocos de experimentos com *Pinus* spp. como estacionamentos após poda de galhos baixos, retirada das acículas e colocação de brita. O Estacionamento I foi feito sob a copa de árvores de *Pinus caribaea* e o Estacionamento II, de *Pinus oocarpa*. Algumas árvores de *Pinus* sp. foram cortadas para abrigar o futuro Centro Interpretativo (mais tarde, Centro de Informações de Visitantes). Uma área alterada de Cerrado iria abrigar o Modelo Filogenético ao lado do futuro Centro de Visitantes. Aproveitando uma extensa estrada que separava experimentos com *Eucalyptus* do Cerrado nativo, seria construída a Alameda das Nações e dos Estados, no centro da qual haveria um anfiteatro ao ar livre.



Figura 15 - Roteiro de Visitação do Jardim Botânico mostrando a Área de Uso Público elaborado por Georges Lodygenski, a época da inauguração.

1.1.7 Conjunto Arquitetônico

Portão Principal

Embora Georges Lodygensky tivesse feito esboço do Portão Principal do JBB (Figura 16), o projeto executado foi desenvolvido pelos arquitetos Alípio Vila Nova Nascimento e Carlos Fernando de Moura Delphim, do JBRJ. Como todo o conjunto arquitetônico do JBB, o projeto valorizou o uso de madeira, vidro e cerâmica. O Portão apresenta entrada e saída de veículos, independentes, passagem para visitantes pedestres, uma sala maior de suporte administrativo e banheiro.

Sua localização, próximo à Estrada Parque Cabeça de Veado, foi muito oportuna e ajudou a estabelecer definitivamente a antiga trilha usada pelos servidores quando entravam ou saíam da EFCV. A circulação de veículos foi cuidadosamente estudada por Georges Lodygenski (Figura 17).



Figura 16 - Esboço do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília, por Georges Lodygenski.

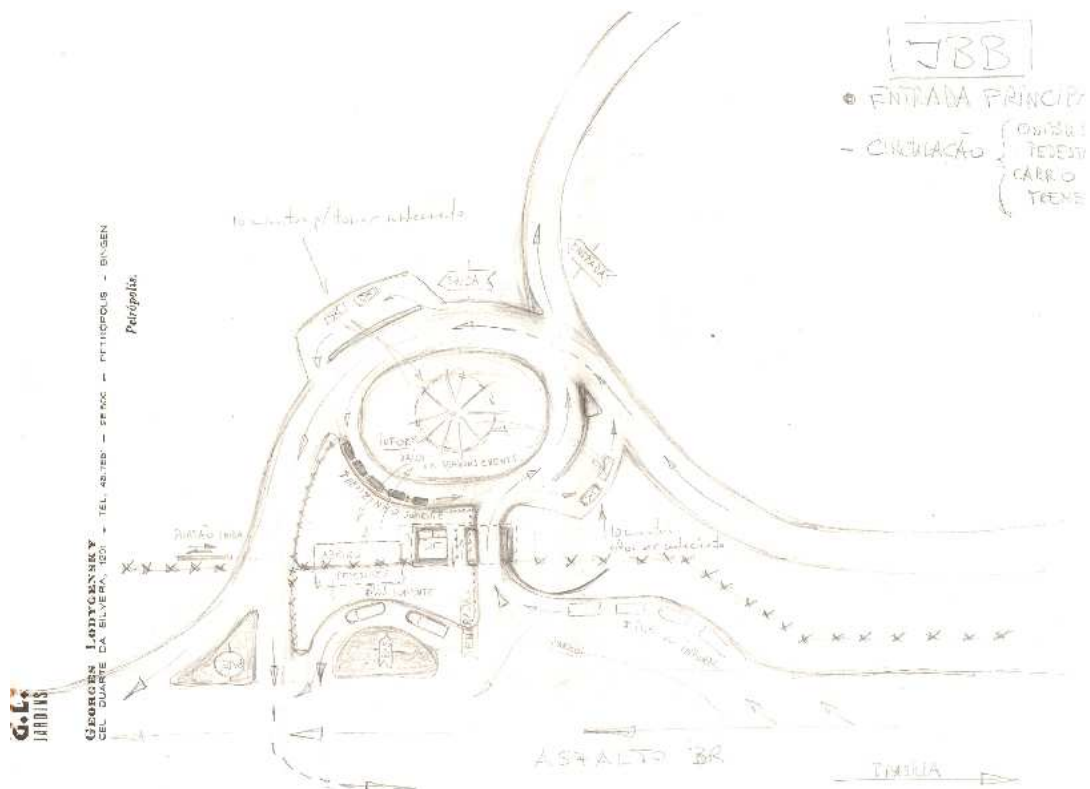


Figura 17 - Estudo da circulação de veículos no Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília, por Georges Lodygenski.

O projeto de paisagismo do Portão Principal é de autoria de Georges Lodygenski. Neste projeto, o autor utilizou as espécies nativas presentes na área, como *Qualea parviflora* (pau terra da folha miúda), *Qualea multiflora* (pau terra liso), *Machaerium opacum* (jacarandá cascudo), *Anacardium humile* (cajuí), *Aegiphila lhotskiana* (milho

de grilo), *Antonia ovata*, *Platypodium elegans* (canzileiro), *Lonchocarpus sericeus* (embira de sapo) remanescentes da Mata Mesofítica e do Cerrado e agregou espécies ornamentais cultivadas. Devido ao atraso da obra, o plantio dos jardins do Portão Principal ocorreu na última hora, estendendo-se pela noite na véspera da inauguração do JBB (Figura 18, Figura 19, Figura 20, Figura 21 e Figura 22).

A execução de todos os projetos do JBB foi muito prejudicada pelo verão chuvoso de 1984/85, sendo que o Portão Principal, o Anfiteatro e o Mirante foram concluídos a tempo da data de inauguração, ficando a inauguração do Centro de Informações de Visitantes para depois.

A circulação dos visitantes pela área do JBB seria por meio de transporte interno do JBB, tal que os veículos dos visitantes permanecessem no estacionamento externo na área do Portão Principal. Foi pensada a possibilidade do transporte dos visitantes ser feito em bondinhos puxados a cavalos, proposta que foi descartada pelo fato dos animais contribuírem na dispersão de espécies invasoras, como capim-gordura, tiririca ou mesmo carrapatos. Os veículos da administração e de funcionários deveriam circular pela entrada de serviço que atendia à Estação Florestal Cabeça de Veado.



Figura 18 - Início da construção do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília. (fotografia de Georges Lodygenski).



Figura 19 - Construção dos alicerces do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília, (fotografia de Georges Lodygenski).



Figura 20 - Construção das vias de circulação do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Georges Lodygenski).



Figura 21 - Construção do Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília e urbanização da interface com a Estrada Parque Cabeça de Veado (Fotografia de Rui Faquini).



Figura 22 - Portão Principal do Jardim Botânico de Brasília concluído para inauguração (Fotografia de Rui Faquini).

A sinalização do JBB incluiu a colocação das placas na área de uso público e na área externa visando orientar os visitantes (Figura 23).



Figura 23 - Instalação da sinalização externa ao Jardim Botânico de Brasília.

Mirante

A idéia de se construir um mirante foi bem aceita por todos sendo definida a cota 1150 m, próximo do limite do JBB com a Estrada Parque Contorno em área de Campo Sujo natural com grande quantidade de canela de ema (*Vellozia flavicans*) e cafeeiro (*Myrsine guianensis*). O Mirante construído ficava a pouco mais de um metro do solo. Os trabalhos foram acompanhados pelos engenheiros agrônomos, José Ronald Moreira Lima e Georges Lodygenksi (Figura 24). Posteriormente, o Mirante passou por reforma visando elevá-lo mais do solo, com o objetivo de utilização como um ponto de observação para a prevenção de incêndios florestais (Figura 25).



Figura 24 - Local onde foi construído o Mirante, sendo vistoriado por José Ronald Moreira Lima e Georges Lodygenski (arquivo pessoal de Georges Lodygenski).



Figura 25 - Mirante do Jardim Botânico de Brasília na época da inauguração (Imagem publicada na Tribuna de Petrópolis, em 07.04.1985).

Centro Interpretativo (futuro Centro de Informação de Visitantes)

O Centro Interpretativo foi locado na extremidade de um bloco de experimento com *Pinus oocarpa* com a finalidade de apoiar os visitantes (Figura 26). A área do Estacionamento II que dá apoio ao Centro foi cercada com postes de madeira e

cordoalhas de aço para delimitar o estacionamento e conter desvios de percursos, deixando livres as passagens para o cruzamento de veículos e acesso ao Centro Interpretativo.

O projeto do Centro Interpretativo é de autoria dos arquitetos do JBRJ, Alípio Vila Nova Nascimento e Carlos Fernando de Moura Delphim. É formado por dois blocos, um deles, maior e destinado às exposições. Possui uma escada que leva a um mezanino de onde se poderia avistar o jardim evolutivo, Modelo Filogenético e o outro bloco, contendo banheiros, uma pequena estrutura de copa, um auditório e uma sala de aula.

O projeto valorizando o uso de madeira trouxe algumas dificuldades quanto à sustentação do telhado havendo a necessidade de colocação de reforço de metal na estrutura ou adição de pilares de madeira. Essa segunda solução foi muito criticada por que, infelizmente, tanto o auditório como a sala de aula ficaram com a limitação das pilastras no meio das salas.

As chuvas do verão de 1984/1995 não permitiram que a obra do Centro Interpretativo fosse concluída até a inauguração. A inauguração do Centro Interpretativo proporcionou um acolhimento melhor dos visitantes, que até então eram recepcionados no estacionamento II com o suporte do veículo Kombi de cor verde (um dos dois veículos existentes no JBB naquela época) onde um servidor aguardava ao lado de um painel de madeirite, pintado de verde claro aonde eram colocados materiais de divulgação, como o folder, a planta do jardim Modelo Filogenético, entre outros, para dar as boas vindas e explicar o que era e o que ver no JBB. A Figura 27 apresenta a obra concluída do Centro de Informações de Visitantes do JBB.



Figura 26 - Área de construção do futuro Centro Interpretativo do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Georges Lodyginsky).



Figura 27 - Centro de Informação de Visitantes (antigo Centro Interpretativo) do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Rui Faquini).

Trilha Interpretativa (Trilha de Entrada)

Sendo um jardim botânico do Cerrado, o JBB tinha de interpretar o cerrado para os visitantes. A proposta aceita foi interpretar o cerrado ao longo da trilha de entrada até o primeiro estacionamento, valorizando as fitofisionomias e suas espécies. A Trilha passa através de um gradiente de vegetação que começa com a Mata Mesofítica de Interflúvio remanescente situado quase todo no terreno da Escola de Administração Fazendária, seguindo por Cerrado Sentido Restrito, subtipos Denso, Típico e Ralo.

O alargamento da trilha foi feito por tratores da FZDF guiados pelos servidores da EFCV, entre os quais a engenheira florestal Germana Maria C. L. Reis, grávida de seu segundo filho. Em seguida a trilha foi cascalhada. No dia seguinte, foi iniciado o trabalho de reconhecimento das espécies e registro dos indivíduos que receberiam placas de identificação (Figura 28). A lista das espécies de plantas com a respectiva quantidade de placas orientou a confecção das placas e a posterior colocação em campo (Anexo 1). Houve a preocupação em não saturar a trilha com placas, como mostra a (Figura 29 e 30).



Figura 28 - Indivíduo arbóreo da Trilha de entrada numerado para identificação botânica e posterior colocação de placas (Foto: Rui Faquini).

Posteriormente todas tiveram material botânico coletado e identificado no Herbário da Universidade de Brasília. A fase seguinte consistiu no desbaste da vegetação em cerca de 10 m de cada lado da trilha para ralear e facilitar o reconhecimento do indivíduo. A bióloga Alba E. Ramos e a técnica agrícola Maria Aparecida Alves acompanharam o trabalho dos servidores da EFCV, Ildeberto Eugênio da Silva (Betinho), José Divino dos Santos, José Nunes da Silva, José Lisboa da Rocha, Manoel Viana dos Santos, Oswaldo Aparecido Caetano, Vicente José Caetano, Raimundo Cutrim, Salatiel Simplício dos Santos (Toninho). Querendo por a prova o conhecimento da bióloga, o servidor Vicente Caetano (Vicentinho), misturava partes de diferentes plantas, unia-os e levava-os para que ela identificasse. Ficava frustrado por que era pacientemente esclarecido. Somente mais tarde, sorrindo, ele confessou a brincadeira.

A colocação das placas de identificação das árvores foi outra tarefa delicada que exigiu o acompanhamento atencioso do corpo técnico, haja vista o rigor científico exigido em um jardim botânico (Figura 29).



Figura 29 - Limpeza da Trilha de Entrada do Jardim Botânico de Brasília para a inauguração (Fotografia de Georges Lodygenski); Observa-se na segunda fotografia Francisco Paulo Rodrigues de Jesus, posteriormente integrado ao quadro de servidores do JBB.

Na semana anterior à inauguração, o JBB recebeu o reforço de 1.200 garis do Serviço de Limpeza Urbana para a realização da limpeza e adequação final da área de uso público para o grande dia. A Trilha de Entrada, por sua extensão, recebeu um grande número de garis (Figura 30), que executou o rebaixamento das laterais da trilha, retirada de galhos, desobstrução da trilha para trânsito de veículos. Cada um dos membros do GRAU ficou responsável por uma área. Na Trilha de Entrada, a responsável foi a bióloga Alba e a técnica Maria Aparecida Alves. As placas com informações sobre o Cerrado e as fisionomias ocorrentes na Trilha não chegaram a ser confeccionadas. A Figura 31 mostra a Trilha de Entrada com as placas de identificação.



Figura 30 - Serviço de limpeza e adequação da Trilha de Entrada para inauguração do Jardim Botânico de Brasília (ao fundo de costas, a bióloga Alba Evangelista Ramos), Fotografia de Rui Faquini.



Figura 31 - Trilha de Entrada do Jardim Botânico de Brasília, com as placas de identificação das espécies; presença do fotógrafo Rui Faquini (Arquivo de Rui Faquini).

Modelo Filogenético

Embora sendo um jardim botânico para mostrar o Cerrado, houve um questionamento do grupo quanto às atrações de interesses dos visitantes e daí a sugestão de se implantar uma área de jardim temático com plantas conhecidas do público, pelos atributos apresentados, isto é, origem, uso, beleza, arquitetura, entre outras.

Definida esta proposta, Felisberto Cavaleiro foi convidado a criar esse jardim temático. Em conversas com sua amiga alemã Friede Scherer, arquiteta paisagista, esta lhe falou sobre um jardim temático existente em Hamburgo, na Alemanha que apresentava as plantas cultivadas conforme sua evolução, de acordo como modelo filogenético de Taktajan (1969). A idéia foi colocada em discussão e a sugestão foi aceita. Foi delegado à bióloga Alba apresentar o embasamento teórico visando definir o caminho a seguir bem como, juntamente com a engenheira florestal, Germana, investigar na área da EFCV, locais que pudessem abrigar esse jardim, considerando a flora nativa presente. Ela apresentou os sistemas filogenéticos de Cronquist (1968), Taktajan (1969) e Stebbins (1974) e juntamente com a engenheira florestal Germana andaram pela vegetação nativa, localizando espécies e posicionando-as nos modelos filogenéticos. O modelo que mais se adaptou a situação real foi o de Cronquist (1968) mostrado no croquis de planejamento da área de uso público, de Georges Lodygenski (Figura 32). Como demonstrado, a implantação daquela proposta seria impossível uma vez que precisaria de uma grande área e utilizaria também, a área da Mata de Galeria do córrego Cabeça de Veado. Além disso, uma preocupação sempre presente na equipe era a de manter controle sobre a área de uso público visando prevenir desvios dos visitantes para áreas restritas.

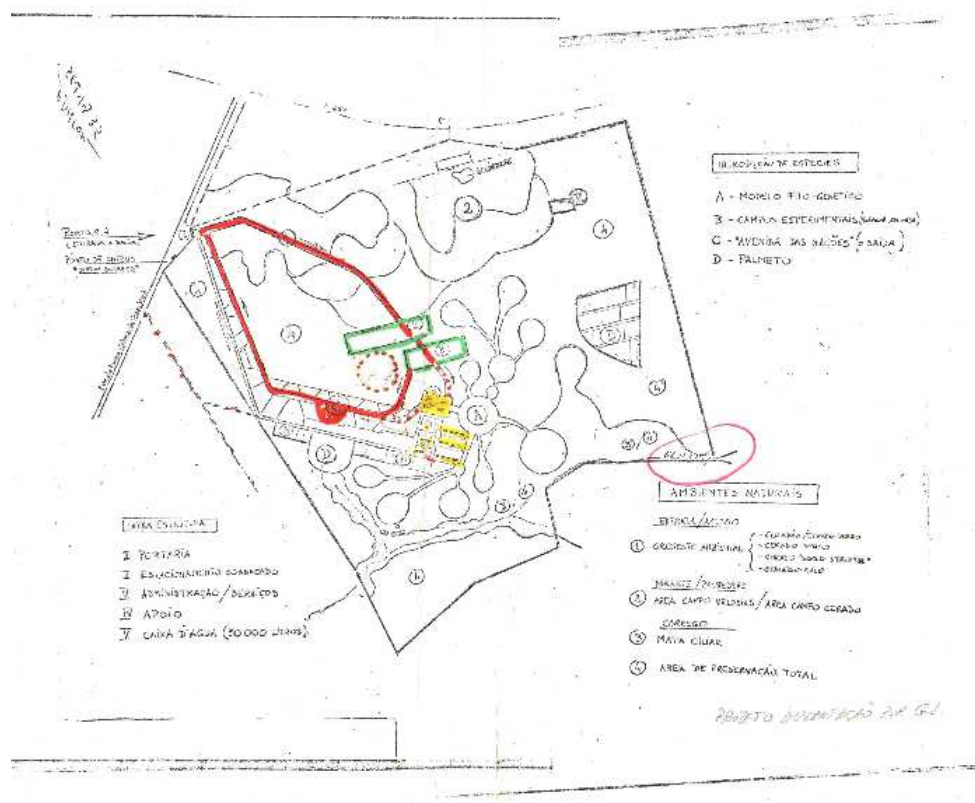


Figura 32 - Esboço da Área de Uso Público do Jardim Botânico de Brasília com a proposta do Modelo Filogenético de Cronquist (1968).

Na primeira reunião com os consultores, ocorrida em setembro de 1984, na EFCV, discutindo o assunto, foi proposta a utilização do modelo filogenético de Stebbins (1974) (Figura 33). Este modelo é circular e organiza as plantas em um gradiente de evolução, começando com as mais primitivas, que se localizam no centro do círculo e à medida que se desloca para a periferia do círculo ficam as mais evoluídas. Neste modelo, as plantas Dicotiledôneas são separadas das Monocotiledôneas e o centro do círculo é ocupado pelo complexo ancestral.

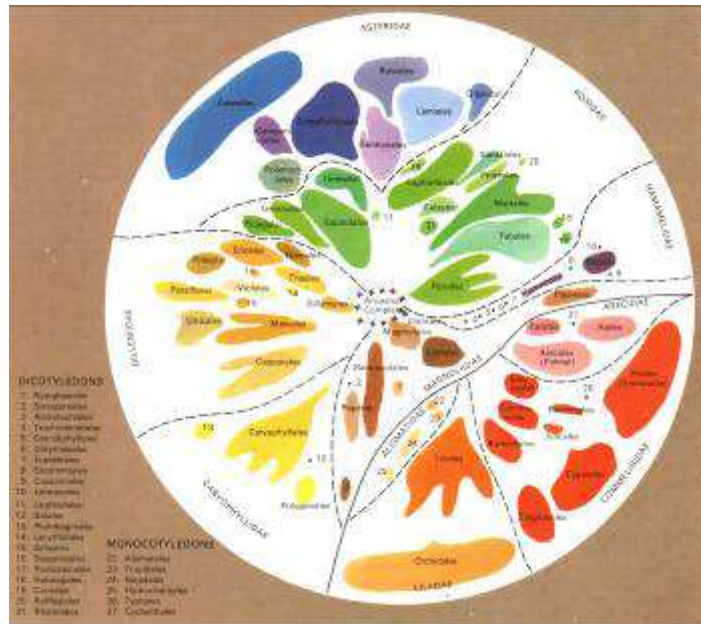


Figura 33 - Modelo Filogenético de G. L. Stebbins (1974) em Heywood (1993).

Foi decidido que seria usado este modelo filogenético e que seria implantado em uma área de 2 ha na frente do Centro Interpretativo. Na elaboração do projeto trabalharam Felisberto Cavaleiro e Alba e, algumas vezes, pequena participação do arquiteto Carlos Fernando de Moura Delphim.

Felisberto e Alba subsidiados por literatura específica elencaram todas as espécies a serem cultivadas naquele jardim (Anexo 2). Os critérios usados nesta seleção foram: facilidade de obtenção de mudas, de cultivo e de interpretação para o público. A idéia era a de despertar o interesse e a atenção do visitante por meio da visualização de espécies usualmente conhecidas. Assim, seria possível ter uma horta-jardim, um orquidário, etc., sempre buscando educar o visitante. A lista de espécies elaborada continha o posicionamento das plantas no sistema de classificação segundo Stebbins (1974), visando auxiliar na implantação do jardim.

A entrada no jardim seria feita por uma larga calçada e nas laterais dela, seriam plantadas espécies de Pteridófitas e Gimnospermas, representando o Complexo Ancestral de Stebbins (1974). A partir desta calçada, o visitante poderia seguir para a periferia ou seguir até o centro do jardim.

Inicialmente, por ser o Modelo Filogenético circular, Felisberto projetou dois lagos, sendo um menor em nível mais alto que deveria verter no maior, em nível mais baixo provocando uma cascata. O lago maior teria uma grande ilha no centro ligada ao resto do jardim por duas pontes. O lago menor seria usado para abrigar os representantes aquáticos da classe Monocotiledônea e o maior para os representantes aquáticos da Classe Dicotiledônea. As plantas seriam cultivadas organizadas por famílias locadas em círculos (Figura 34) que posteriormente evoluiu para hexágonos.



Figura 34 - Primeiro projeto do Modelo Filogenético desenvolvido por Felisberto Cavalheiro para o Jardim Botânico de Brasília.

Uma linha de *Clusia fluminensis*, por seu porte e textura, faria a separação entre as classes Dicotiledôneas e Monocotiledôneas. Dentro de cada classe, as sub-classes seriam compartimentos estanques separados por fileira de acalifa vermelha (*Acalypha wilkesiana*). O contraste entre o verde escuro da *Clusia fluminensis* com o vermelho forte da acalifa vermelha tinha o objetivo de marcar a separação dos grupos. Cada subclasse teria uma única forração. A mudança de uma subclasse para outra seria facilmente reconhecível pela mudança da forração do jardim, detalhe com grande efeito didático. A Tabela 1 mostra a relação de espécies para forração das subclasses, conforme projeto original de Felisberto Cavalheiro. Visando facilitar a implantação, foram sugeridas duas forrações alternativas para a subclasse Caryophyllidae.

Tabela 1. Relação das espécies para forração das subclasses de plantas, conforme o Projeto paisagístico do Modelo Filogenético de Felisberto Cavalheiro.

Classe Dicotiledoneae				
Subclasse	Ordem	Família	Espécie (forração)	Nome vulgar
Magnoliidae	Piperales	Piperaceae	<i>Peperomia sandersii</i>	Peperomia
Hammamelidae	Seixo rolado ou areia grossa (ausência de espécie cultivada para forração)			
Caryophyllidae	Caryophyllales	Portulacaceae	<i>Portulaca grandiflora</i>	Onze horas
Caryophyllidae	Polygonales	Polygonaceae	<i>Polygonum capitatum</i>	Tapete inglês

Dilleniidae	Urticales	Urticaceae	<i>Pilea microphylla</i>	Brilhantina
Rosidae	Rosales	Balsaminaceae	<i>Impatiens walleriana</i>	Maria sem vergonha
Asteridae	Asterales	Asteraceae (Compositae)	<i>Wedelia paludosa</i>	Vedelia
Classe Monocotiledoneae				
Subclasse	Ordem	Família	Espécie (forração)	Nome vulgar
Alismatiidae	Água (plantas aquáticas)			
Commelinidae	Commelinales	Commelinaceae	<i>Setcreasea purpurea</i>	Trapoeraba roxa
Arecidae	Arales	Araceae	<i>Scindapsus aureus</i>	Jibóia
Liliidae	Liliales	Liliaceae	<i>Hemerocallis flava</i>	Lírio amarelo

Pensando na orientação dos visitantes quanto ao objetivo didático do jardim, Felisberto projetou um caminho de circulação em toda a periferia do jardim e outro na borda do lago. Para mudar de uma sub-classe para outra, o visitante teria essas duas possibilidades.

Dentro de cada subclasse, estariam hexágonos representando as ordens de plantas aonde seriam plantadas mudas das espécies agrupadas por famílias. A área de cada hexágono era calculada em função das características das espécies e do número de indivíduos quando adultos.

Felisberto fez a concepção macro do jardim, deixando o detalhamento a ser feito conforme a exigência das plantas. Assim sendo, havendo necessidade de ripados, sebes, etc, estes teriam de ser projetados. Como exemplo, posteriormente, Paulo Eugênio Alves Macedo de Oliveira, então biólogo do quadro de servidores do JBB, propôs um detalhamento para a ordem Arales (Figura 35) e Poales (Figura 36).

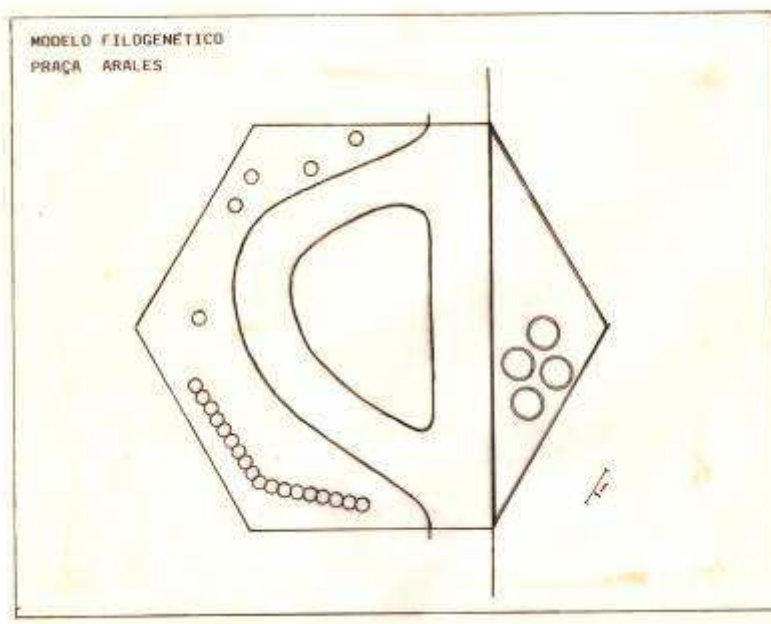


Figura 35 - Detalhamento da ordem Arales do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília, feito por Paulo Eugênio Alves Macedo de Oliveira, em 1985.

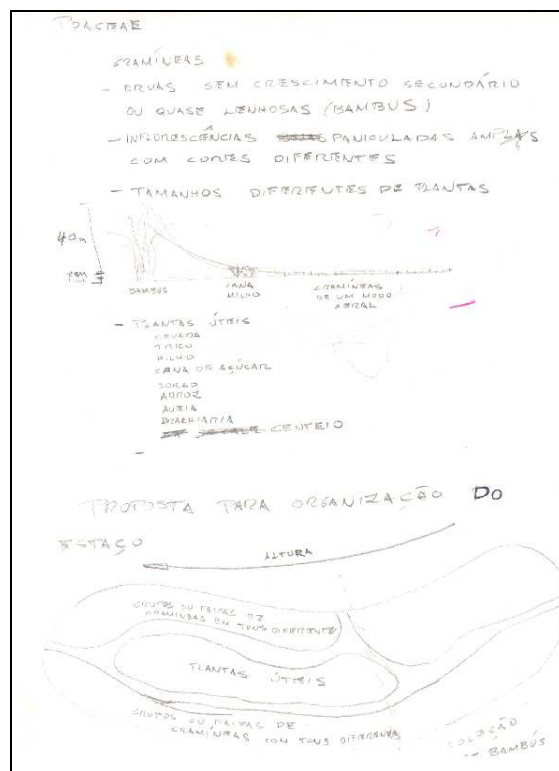


Figura 36 - Estudo para o detalhamento da ordem Poales do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília, feito por Paulo Eugênio Alves Macedo de Oliveira, em 1985.

Terminada essa etapa, Felisberto voltou para São Carlos e em Brasília iniciaram-se os serviços para a implantação do Modelo Filogenético (Figura 37). Na execução, a engenharia identificou problema no projeto quanto à localização dos dois lagos e, para sanar, rebateram o projeto em um espelho e executaram a escavação dos lagos.

Depois do serviço das máquinas, constatou-se que a área do jardim seria de 3 ha e não mais 2 ha. No retorno à Brasília, Felisberto ficou desolado ao visitar a área excavada (Figura 38), uma vez que a pequena mudança demandaria ajustar todo o projeto, o que foi feito naquela semana.



Figura 37 - Área em preparo para implantação do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília.



Figura 38 - Visita de Felisberto Cavaleiro e Alba Evangelista Ramos ao canteiro de obras do Modelo Filogenético do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia de Georges Lodygensi).

Os lagos foram concretados e a implantação do Modelo Filogenético ficou adiada por muitos anos. O cultivo do jardim demandaria a impermeabilização dos lagos, a construção das pontes e implantação de sistema de irrigação, além da obtenção de mudas das plantas e muita mão de obra de jardinagem.

O Projeto Paisagístico Modelo Filogenético foi apresentado no XXXVIII Congresso Nacional de Botânica realizado na cidade de São Paulo, em janeiro de 1987, com o título “Projeto de praça para o Jardim Botânico de Brasília, sendo os autores:

Alameda das Nações e dos Estados

A Alameda das Nações e dos Estados foi concebida por Georges Lodygensi a partir do conceito de que Brasília é a capital do País e sede das representações dos países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas e que seria de muita importância o JBB ter plantas ou jardins desses países, cultivados em sua área de uso público. O plantio solene com a presença dos representantes das embaixadas, além de valorizar o Jardim, serviria como referência para os estrangeiros, por terem em Brasília plantas e jardins de seus países. Depois da inauguração, o Diretor do JBB Pedro Carlos, enviou a todas as embaixadas sediadas em Brasília uma carta-convite (Anexo 3) para que elas participassem da implantação do JBB e colaborassem com a doação de uma bandeira de tecido nas dimensões oficiais e uma placa com a bandeira do país pintada sobre metal, contendo o nome do país em português, e se quisessem, mudas das espécies de plantas de seus países de origem.

O projeto foi elaborado para uma área ao lado dos experimentos florestais aonde passava uma estrada da antiga EFCV. A estrada seria o divisor entre a Alameda das Nações, que seria mais larga, e a Alameda dos Estados, mais estreita. Com o objetivo de criar um espaço aberto para grandes eventos, foi proposta a construção de um anfiteatro ao ar livre. A Figura 39 mostra o esboço do projeto de Georges Lodygensi para o anfiteatro da Alameda das Nações e dos Estados.

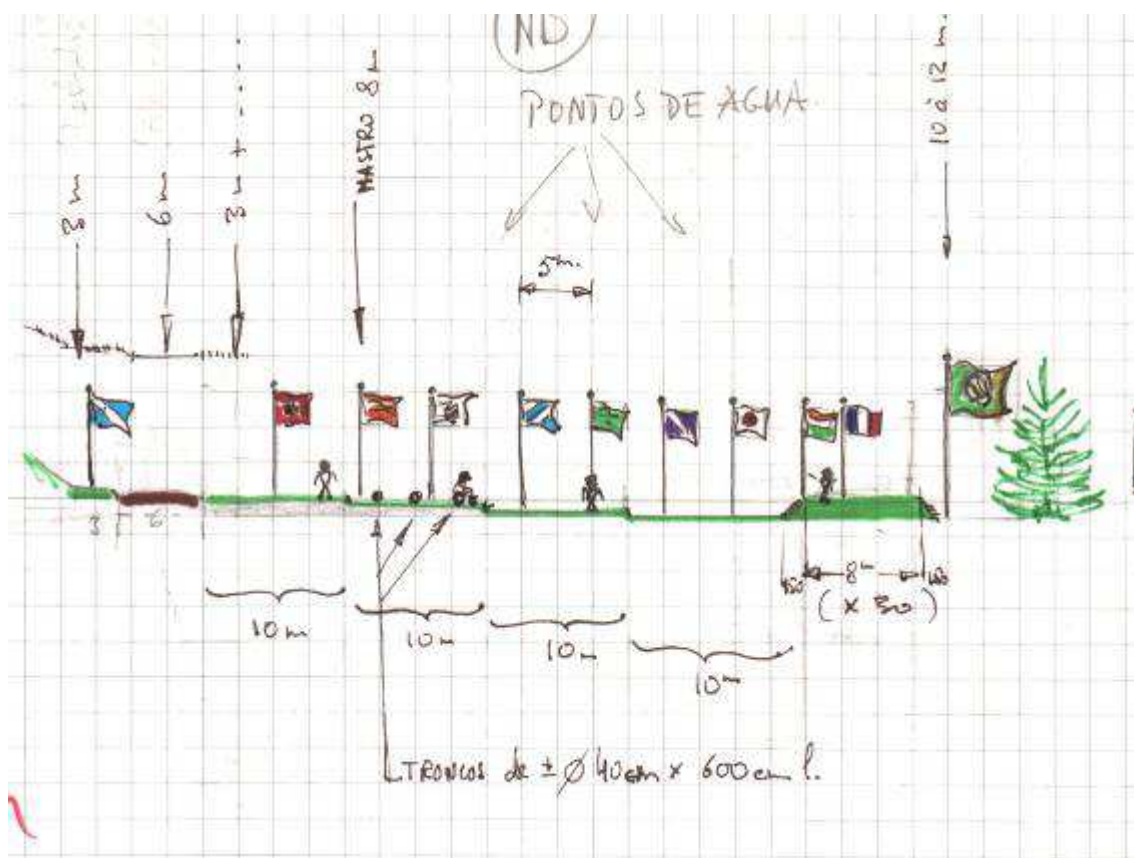


Figura 39 - Esboço de Georges Lodygenski para a Alameda das Nações e dos Estados do Jardim Botânico de Brasília em corte transversal.

O Anfiteatro foi escavado no solo deixando-se patamares discretos para colocação dos bancos de madeira, bem como uma pequena elevação para servir de palco. Posteriormente foi gramado. O fundo do Anfiteatro é guardado pelos experimentos florestais, que funcionam como barreira acústica natural e contra ventos (Figura 40, Figura 41 e Figura 42).



Figura 40 - Construção do Anfiteatro da Alameda das Nações e dos Estados do Jardim Botânico de Brasília (Projeto e fotografia de George Lodygenski).



Figura 41 - Construção do Anfiteatro da Alameda das Nações e dos Estados do Jardim Botânico de Brasília (Projeto e fotografia de George Lodygenski; toldo em montagem para solenidade de inauguração).



Figura 42 - Vista do Anfiteatro do Jardim Botânico de Brasília no dia de sua inauguração (Fotografia de Rui Faquini).

Ao longo da Alameda dos Estados foram colocados mastros para todas as bandeiras dos estados brasileiros enquanto que as bandeiras das Nações seriam colocadas nos mastros nas laterais do anfiteatro.

O anfiteatro juntamente com o Portão Principal e o Mirante foram as únicas obras que ficaram prontas até a data da inauguração. O Anfiteatro foi o local escolhido para a solenidade de inauguração do JBB.

Assim como outras áreas do JBB, a Alameda das Nações e dos Estados recebeu o apoio do Serviço de Limpeza Urbana que cedeu garis para a limpeza e adequação para a inauguração (Figura 43).



Figura 43 - Equipe do Serviço de Limpeza Urbana realizando a limpeza e adequação da Alameda das Nações e dos Estados para a inauguração do Jardim Botânico de Brasília (Fotografias de Georges Lodygenski).

1.1.8 A inauguração do JBB

O JBB foi inaugurado no dia 08 de março de 1985. O evento solene contou com a participação de autoridades como o Governador do DF, José Ornellas de Souza Filho, o Secretário de Agricultura e Produção, Alceu Sanches, o príncipe herdeiro da coroa brasileira, D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança (Figura 44), sua esposa a princesa Maria de La Esperanza de Bourbon e Orleans, e sua filha, princesa D. Cristina de Orleans e Bragança, além do Diretor do JBB, Pedro Carlos de Orleans e Bragança, sua esposa, Patrícia de Orleans e Bragança, o diretor do JBRJ, Carlos Alberto Ribeiro De Xavier. O evento contou com a participação da ilustre botânica brasileira, pesquisadora do JBRJ, Graziela Maciel Barroso (Figura 45) e outros representantes da comunidade científica e acadêmica do DF (Figura 46).



Figura 44 - Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança



Figura 45 - Presença da botânica Gaziela Maciel Barroso (à direita) na solenidade de inauguração do Jardim Botânico de Brasília.



Figura 46 - Diretor do Jardim Botânico de Brasília recebendo convidados presentes na solenidade de inauguração, ao fundo, Prof. Dr. Braúlio Ferreira de Souza Dias (Fotografia de Rui Faquini).

A árvore escolhida para simbolizar o JBB foi o pequizeiro (*Caryocar brasiliense*). A escolha do pequizeiro (Figura 47) não foi uma decisão difícil, haja vista que o JBB, seria o jardim botânico do Cerrado. O pequizeiro é uma das espécies mais típicas do Cerrado, além de ter grande importância na cadeia alimentar da fauna nativa por ser fonte de óleo e vitamina A e ter uso popular muito grande, como, na alimentação, na

medicina caseira e até mesmo para produção de madeira. Está representado no símbolo do JBB. A logomarca (Figura 48) demonstra um ramo com suas folhas trifolioladas, opostas e sua flor com estames em pincel, estilizado.



Figura 47 - Pequizeiro em floração (Fotografia de Manoel Cláudio da Silva Júnior).



Figura 48 - Logomarca do Jardim Botânico de Brasília apresentando um ramo de pequizeiro florido, estilizado.

Como parte da solenidade houve o lançamento de um selo e envelope comemorativos pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ocorrido no Palácio do Buriti (Figura 49 e Figura 50; Anexo 4). O selo apresentava uma obra do artista plástico Álvaro Martins, específica para registrar este importante evento, de um ramo florido de pequizeiro, a árvore-símbolo do JBB.



Figura 49 - Solenidade de lançamento do selo comemorativo à inauguração do Jardim Botânico de Brasília, no Palácio do Buriti em 08.03.1985 (Fotografia do Arquivo Público).



Figura 50 - Envelope e Selo comemorativo da inauguração do Jardim Botânico de Brasília com carimbo de primeiro dia de circulação (autógrafos de D. Pedro de Orleans e Bragança, Pedro Carlos de Orleans e Bragança, Alceu Sanches, Germana Maria Cavalcanti Lemos Reis e Alba Evangelista Ramos).

Depois do lançamento do selo e envelope no Palácio do Buriti, as autoridades se dirigiram para o JBB. Na entrada todos receberam o livreto de apresentação do JBB (Figura 51) e seguiram de automóvel até o Anfiteatro. Por todo o percurso, servidores estavam estrategicamente colocados para orientar os convidados até o Anfiteatro.

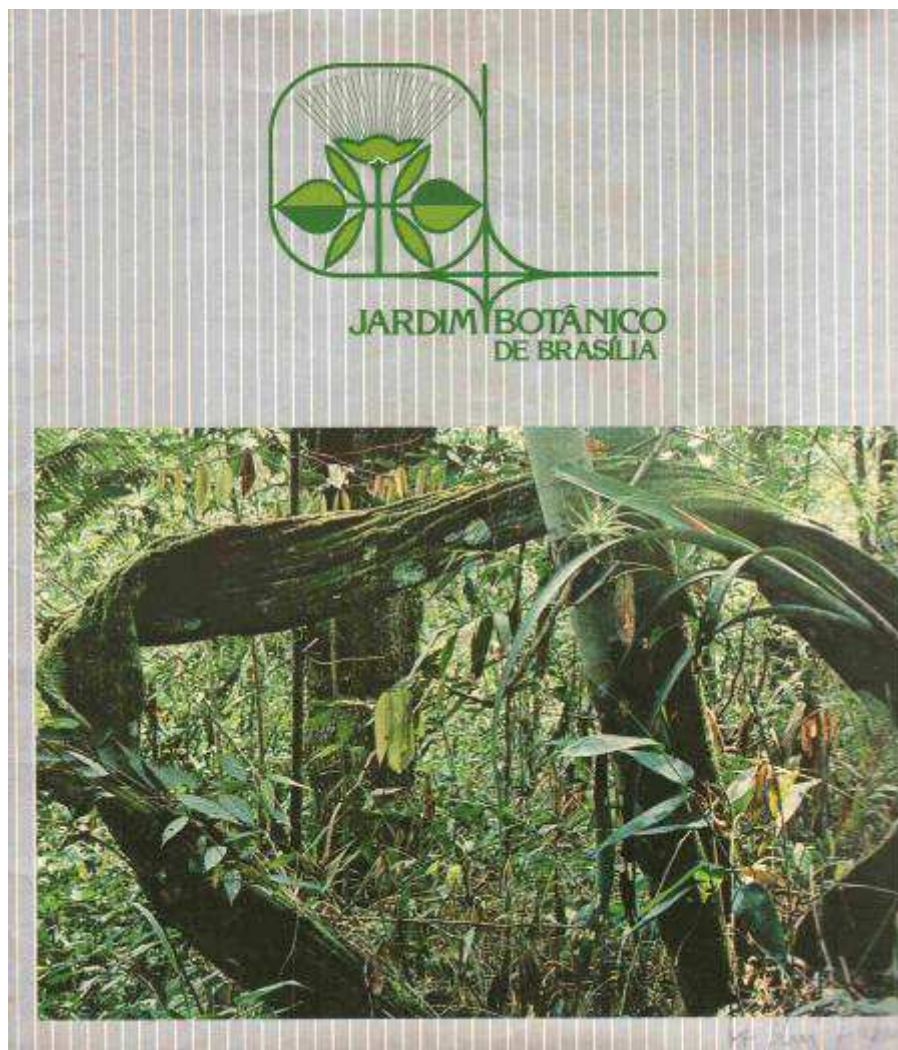


Figura 51 - Capa do livreto de apresentação do Jardim Botânico de Brasília distribuído no dia da sua inauguração.

No meio de um verão tão chuvoso, o dia da inauguração do JBB amanheceu nublado, mas aos poucos o céu foi clareando e um tímido sol saiu e permaneceu por todo o dia para tranquilidade da equipe que tinha preparado a festa com tanto cuidado.

Autoridades perfiladas (Figura 52) para o canto do Hino Nacional que foi executado pela banda do Corpo de Bombeiros Militar do DF. Seguiu-se o descerramento da placa de inauguração (Figura 53 e Figura 54) pelo governador José Ornellas de Souza Filho e por D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança. Este repetiu o gesto de D. João, príncipe regente, mais tarde, D. João VI, que, em 13 de junho de 1808, criou o Jardim de Aclimação, futuro JBRJ.



Figura 52 - Autoridades presentes na solenidade de inauguração do Jardim Botânico de Brasília (Fotografia do Arquivo Público do DF).



Figura 53 - Descerramento da placa de inauguração do Jardim Botânico de Brasília, pelo Governador do Distrito Federal, José Ornellas de Souza Filho e pelo príncipe Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança, em 08.03.1985 (Fotografia do Arquivo Público do DF).



Figura 54 - Placa de inauguração do Jardim Botânico de Brasília.

Em seguida houve o plantio de uma muda de palmeira imperial (*Roystonea oleracea*) originária de sementes das palmeiras imperiais do JBRJ descendentes da palme-máter, plantadas por D. João VI (Figura 55), pelo Governador do DF, José Ornellas, D. Pedro Gastão e Pedro Carlos.

No dia oito de março de 1985 foi publicado Decreto nº 8.497 alterando a denominação do Jardim Botânico elevando-o à categoria de departamento da FZDF e alterando a denominação de Chefe para Diretor. A partir dessa data Pedro Carlos deixou de ser o Chefe do JBB para ser o Diretor da nova Instituição.



Figura 55 - Plantio de muda de palmeira imperial (*Roystonea oleracea*), proveniente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pelo Governador do Distrito Federal, José Ornellas de Souza Filho e Dom Pedro de Orleans e Bragança e pelo Diretor do Jardim Botânico de

Brasília auxiliados pelo servidor Carlos Alberto Nascimento (fotografia do Arquivo Público do DF).

Estava inaugurado o Jardim Botânico de Brasília, o Jardim do Cerrado. Seu diretor, Pedro Carlos continuou em serviço até 09.04.1986, quando, a seu pedido, foi exonerado (Figura 56).

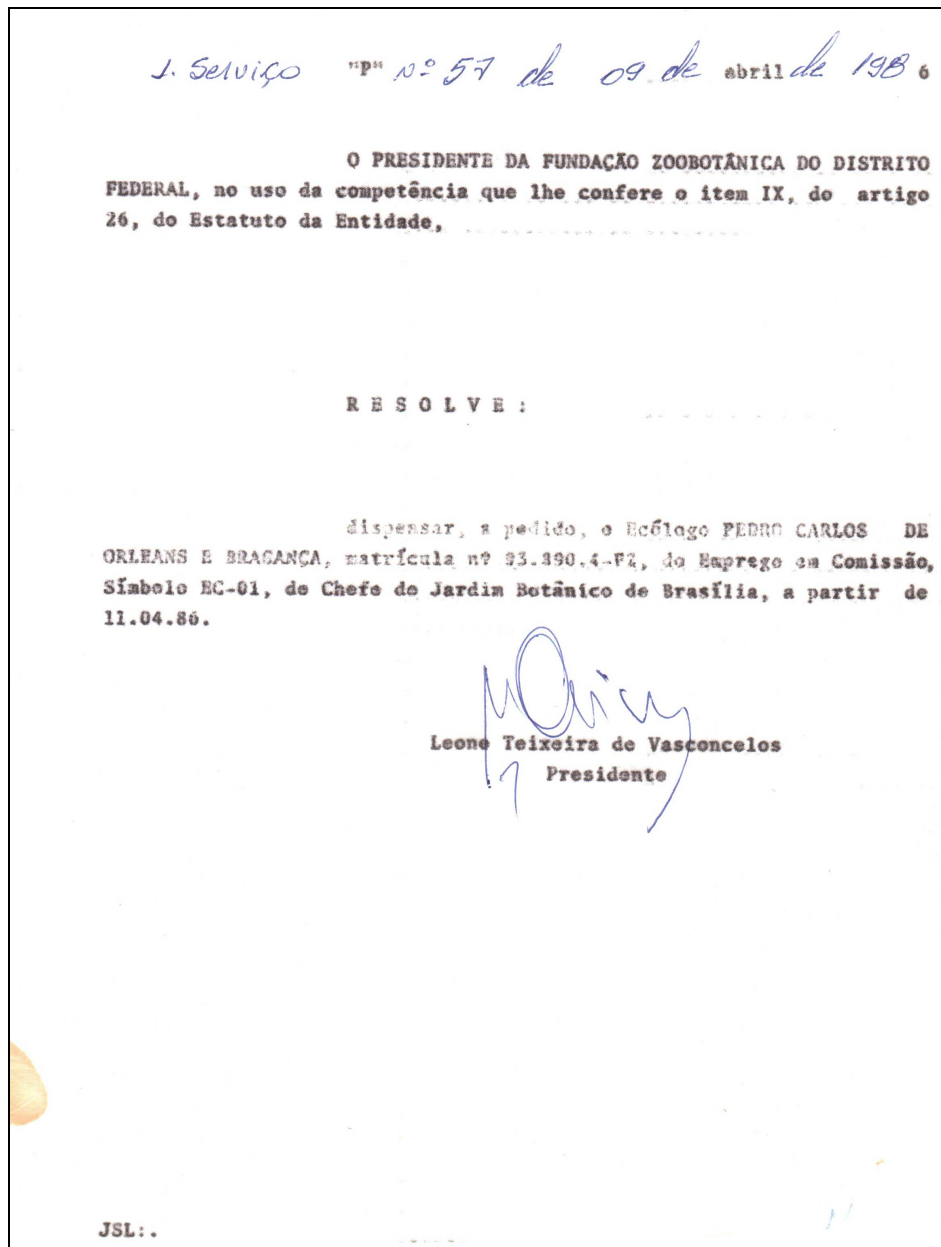


Figura 56 - Ato de exoneração, a pedido, de Pedro Carlos de Orleans e Bragança.

1.1.9 Criação da Estação Ecológica do JBB

Durante os trabalhos para implantação do JBB, o chefe do JBB, Pedro Carlos, em 27.03.1984 solicitou a TERRACAP a ampliação da área do JBB, objetivando proteger as nascentes do Córrego Cabeça de Veado e duas fisionomias que não se encontravam na área do JBB, veredas com "buritis" e campos de "murundum" (Figura 57). Finalmente, em 26.03.1987, foi aprovado pelo Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (CAUMA), o acréscimo de 3.991,59 ha o JBB, ampliando a área de 526,61 para 4.518,20 ha, considerada internamente como reserva ecológica do JBB. Esta decisão foi homologada pelo Decreto nº 10.994 de 09.04.1990, assinado pelo Governador do DF, José Aparecido de Oliveira. Neste mesmo ano, o Secretario de Meio Ambiente Ciência e Tecnologia (SEMATEC), Rubem Fonseca Filho, encaminhou ao CAUMA proposta de criação da Estação Ecológica do JBB (EEJBB) na área anexada ao JBB. Desta forma houve uma separação entre JBB e Estação Ecológica do JBB. Esta foi criada pelo Decreto nº 14.422 de 26.11.1992- com a área de 3.991,59 ha (Figura 58). Reconhecendo a relevância e o significado para o JBB, seus técnicos elaboraram à época um conjunto de regras de uso da EEJBB (Anexo 5).

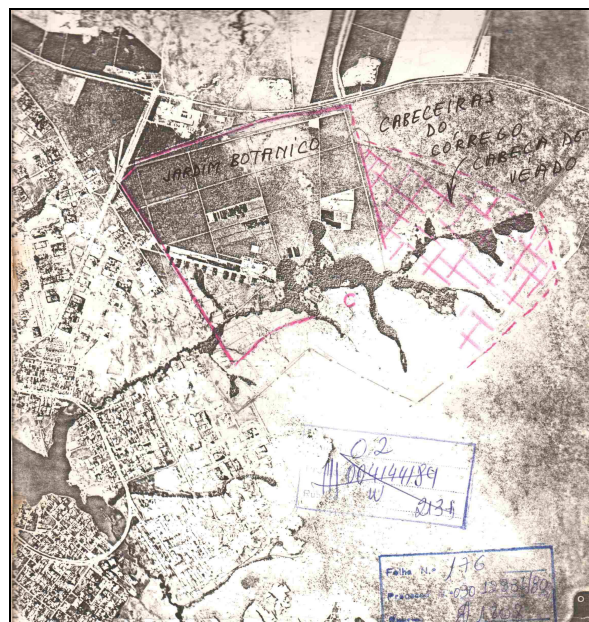
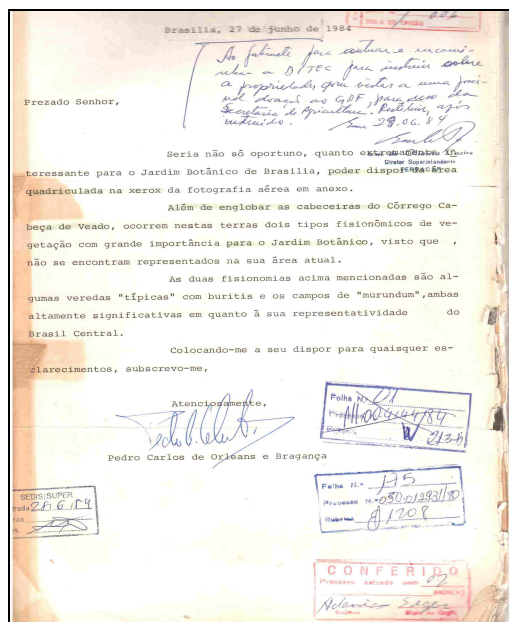


Figura 57 - Carta de Pedro Carlos Orleans e Bragança solicitando ampliação da área do Jardim Botânico de Brasília, conforme indicado na cópia da fotografia aérea.

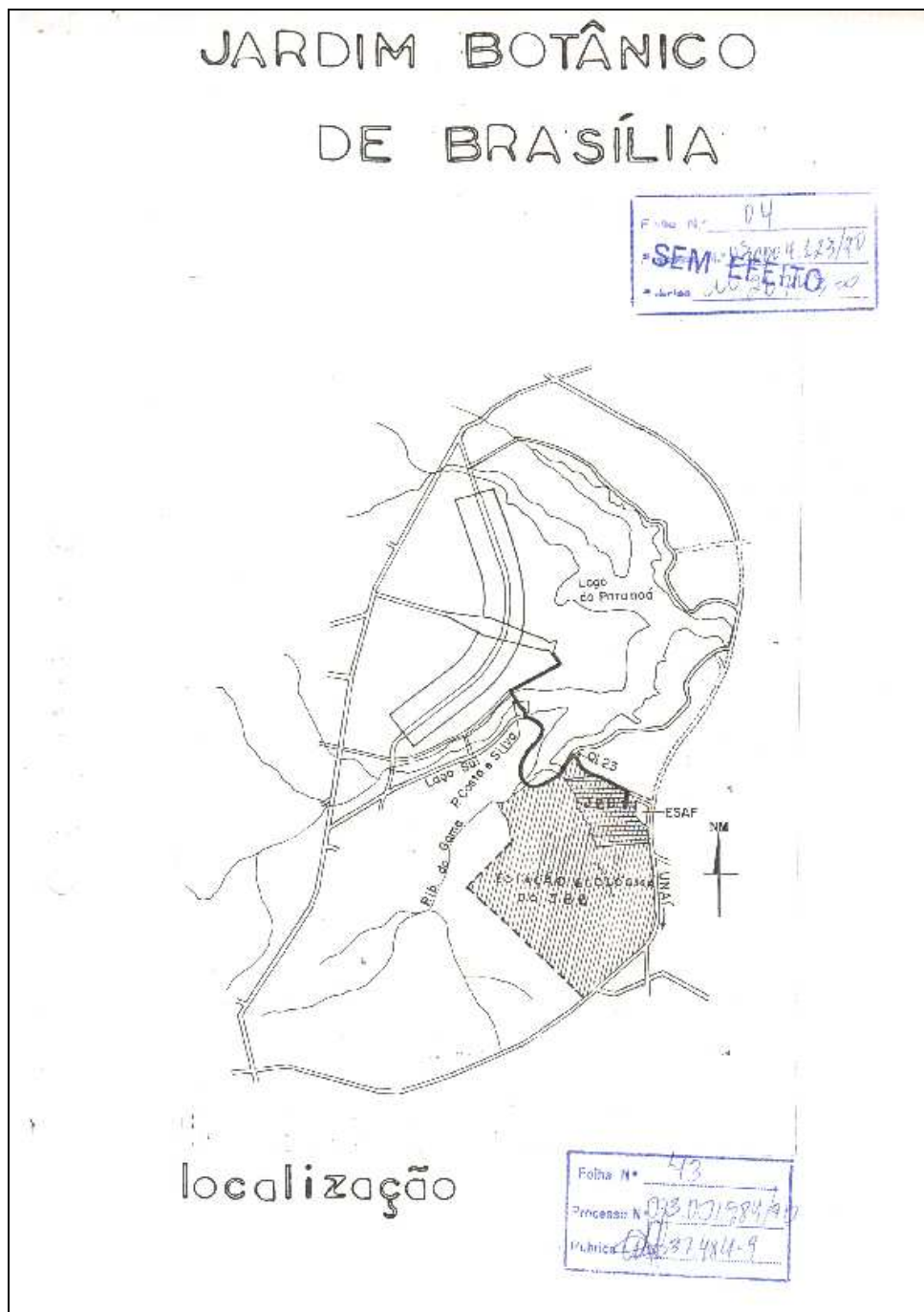


Figura 58 - Croquis indicando o Jardim Botânico de Brasília e a Estação Ecológica do JBB, conforme Decreto nº 14.422 de 26.11.92.

1.1.10 A Equipe que trabalhou para implantar o JBB

A implantação do JBB foi um momento de grande trabalho de todos da equipe. Nos intervalos entre as visitas dos consultores, o trabalho persistia com muita determinação. O tempo que eles permaneciam na EFCV era de aproximadamente cinco dias, exceto Georges Lodygenski (Figura 59), que costumava ficar um pouco mais. Neste período era preciso fazer o trabalho de campo e de escritório para otimizar o tempo de permanência deles. Na primeira visita, os consultores foram guiados por Pedro Carlos e sua equipe para o reconhecimento da área (Figura 60). Não havia restaurantes próximos e era comum a equipe fazer a refeição sob uma árvore de sibipiruna plantada na frente do prédio onde funcionava a sede administrativa da EFCV (Figura 61).

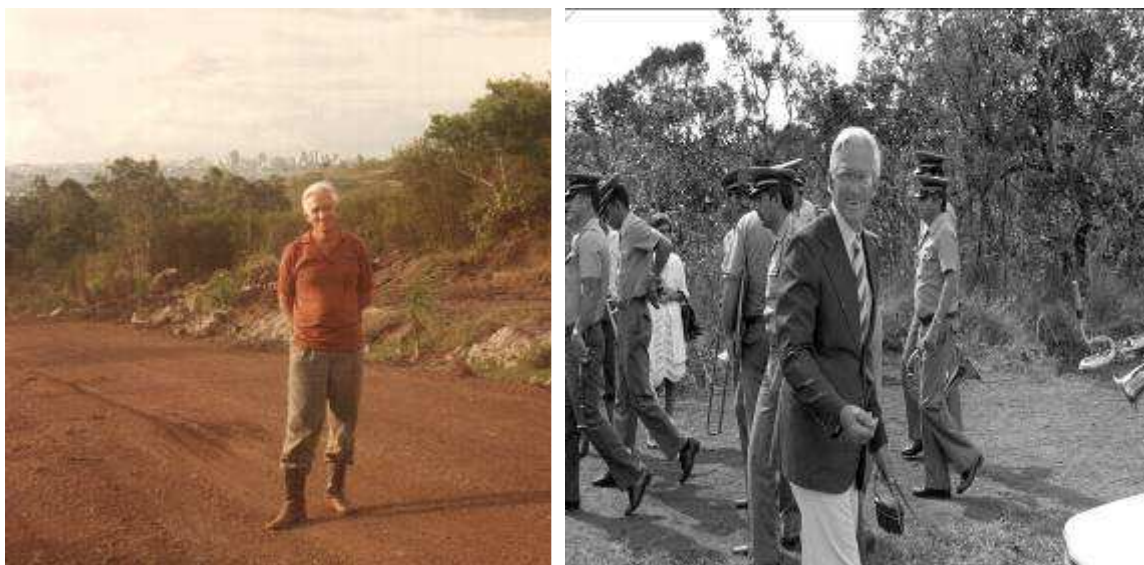


Figura 59 - Engenheiro Agrônomo e paisagista Georges Lodygenski, em dois momentos, acompanhando o plantio das palmeiras jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) na descida para o viveiro e na solenidade de inauguração do JBB.



Figura 60 - Visita de reconhecimento da área pela equipe do Jardim Botânico de Brasília e consultores. Da esquerda para a direita, Germana Maria C. L. Reis, Alba E. Ramos, Felisberto Cavalheiro, Olga Camisão de Souza, Raimundo Alencar Uchôa, Carlos Fernando de Moura Delphim e Pedro Carlos de Orleans e Bragança.



Figura 61 - Equipe de consultores e servidores da FZDF durante hora de repouso e alimentação. Da esquerda para a direita: Olga Camisão de Souza, Germana Maria C. L. Reis, Pedro Carlos de Orleans e Bragança, Alba Evangelista Ramos, Felisberto Cavalheiro e Carlos Fernando de Moura Delphim.

É importante deixar registrado o nome das pessoas que não foram citadas neste documento, mas que integraram a equipe que implantou o JBB. Além daquelas referidas no folheto de apresentação do JBB (Figura 62) contribuíram também, os servidores da EFCV, Aldegundes Pereira da Silva, Carlos Alberto Nascimento, Ildeberto Eugênio da Silva (Betinho), João Pereira (João Boiadeiro), João Santana, José Divino dos Santos, José Lisboa da Rocha, José Nunes da Silva, Manoel Viana dos Santos, Oswaldo Aparecido Caetano, Raimundo Cutrim, Salatiel Simplício dos Santos (Toninho), Sebastião Símplicio dos Santos, Vicente Damázio, Vicente José Caetano, e do Departamento de Mecanização Agrícola da FZDF (DEMA), em particular, o engenheiro civil, Antonio Jorge Diogo, as arquitetas Maruza Lima Goretti, Maria Helena Goretti Gonzaga, Susana Pascoale, a técnica em desenho, Joseuda Arminda Pimenta de Aguiar, operadores de máquinas, motoristas, carpinteiros, todo o pessoal do DEMA. Houve grande empenho de todos para viabilizar a implantação do JBB em tempo de ser inaugurado antes da mudança de governo. A Figura 63 mostra alguns desses servidores.

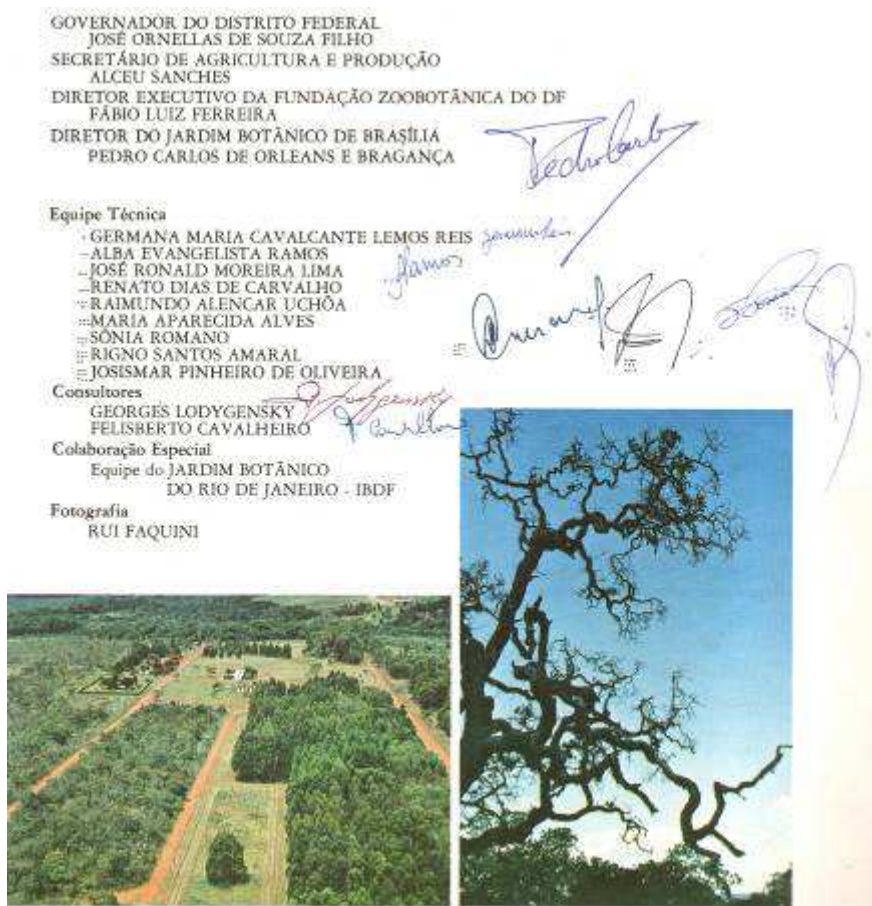


Figura 62 - Relação da equipe que participou dos trabalhos de implantação do Jardim Botânico de Brasília.



Figura 63 - Parte da equipe que implantou o Jardim Botânico de Brasília. Da direita para a esquerda: Sônia Romano, Alba E. Ramos, Josismar Pinheiro de Oliveira, Renato Dias Carvalho, José Ronald Moreira Lima, Pedro Carlos de Orleans e Bragança, Antonio Jorge Diogo, Felisberto Cavalheiro e sentado à frente, Rigno Santos Amaral.

1.2 Agradecimentos

As autoras agradecem ao Jardim Botânico de Brasília pela oportunidade do trabalho voluntário de relatar a história da criação do primeiro Jardim Botânico voltado para a conservação *in situ* dos recursos genéticos. Agradecem ainda pela disponibilização de documentos.

Cabe registrar nosso agradecimento especial, ao Yuri (Georges Lodygenski) pelo estímulo para a elaboração deste trabalho, manifestado em telefonema seguido de envio de seu acervo pessoal, ou melhor, seu “tesouro”.

Ao Rui Faquini e Liana, companheiros das primeiras horas do Jardim Botânico de Brasília pela cessão de fotografias que ilustram o presente.

À Gerência de Recursos Humanos da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento por permitir a consulta de documentos.

Finalmente, agradecemos aos servidores do Núcleo de Proteção e Reabilitação Ambiental da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do DF, pelo apoio durante a elaboração desta história.

2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cronquist, A. The Evolution and Classification of Flowering Plants. London. 1968.

GOVERNO FEDERAL (Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Jardim Botânico do Rio de Janeiro). Potencial de Uso Público e Estudos Arquitetônicos do Jardim Botânico de Brasília. 1985. (documento impresso).

Heywood, V. H. Flowering Plants of the World. Oxford University Press. New York. 1993.

<http://vsites.unb.br/fau/planodecurso/graduacao/12008/relatorio.pdf>

IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) /FZDF (Fundação Zoobotânica do Distrito Federal). Programa de Trabalho para Realização de Estudos Básicos e Elaboração do Plano Diretor do Jardim Botânico de Brasília. 1984. (documento impresso).

Ramos, A. E. & Munhoz, C. B. R. O Herbário Ezechias Paulo Heringer do Jardim Botânico de Brasília. Bol. Herb. Ezechias Paulo Heringer. v. 1: 6-8. 1994.

Stebbins, G. L. Flowering Plants. Evolution above The Species Level. London. 1974.

Taktajan, A. Flowering Plants. Origin and Dispersal. Translated by Jeffrey. Edinburgh. 1969.

Tavares, J. A. da S. Brasília Agrícola: Sua História. SAP. 1995.

TERRACAP (Companhia Imobiliária de Brasília). Processo nº 030012.931/80-4 (EMI. Nº 05/80 – SAP. Exposição de motivos, encaminhando proposta da SAP, objetivando a criação do Jardim Botânico de Brasília. SCA/SAP – 18.06.80.

Anexos

Anexo 1 – Lista de Espécies de Plantas

Anexo 2 – Lista de Espécies a serem cultivadas

Anexo 3 – Carta Convite

Anexo 4 – Selo e Envelope comemorativo

Anexo 5 – Conjunto de Regras